Cinearte

ANNO V N. 233
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 13 DE AGOSTO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

JOHN MACK BROWN

JÁ MANDOU EXAMINAR AS URINAS

Muitas vezes um individuo se apresenta bem disposto, vendendo saude e, no entanto, sob a ameaça de um mal sorrateiro, localizado nos rins ou na bexiga. Quando não for possivel mandar examinar a urina, deve-se, ao menos como preventivo, tomar durante alguns dias seguidos 2 a 3 limonadas de Helmitol por dia.

Desse modo se consegue livrar as vias urinarias de provaveis hospedes perigosos.

Ha muitos medicos que fazem uso systematico desse optimo antiseptico circulante.

BORBULHAS

Muita gente é victima de pequenas borbulhas que apparecem na mão e nos vãos dos dedos dos pés, de causa arthritica. Nestes casos deve-se submetter o paciente a um regimem lacteo-vegetariano e ao uso do grande eliminador do acido urico, denominado Hexophan, que a Casa Bayer-Meister Lucius apresenta em comprimidos e lithinado effervescente.

Tres sensações Metro-Goldwyn-Mayer

O LEÃO DA METRO GOLDWYN MAYER ★ REAL MAGESTADE DA TELA ★

PARA ESTE MEZ:

DECA de HOLLYOOD

GRANDE COMEDIA FALADA em HESPANHOL

BUSTER KEATON

(PALACIO THEATRO)

BONECAS de LAMA

nova gloría de um genío:

CECIL B. de MILLE

com KAY JOHNSON - CONRAD NAGEL

CHARLES BICKFORD e JULIA FAYE

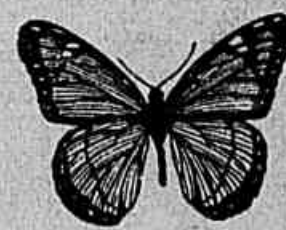
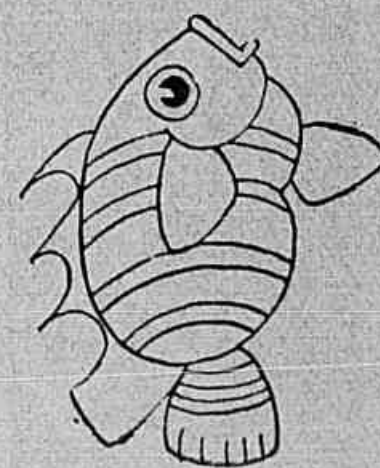
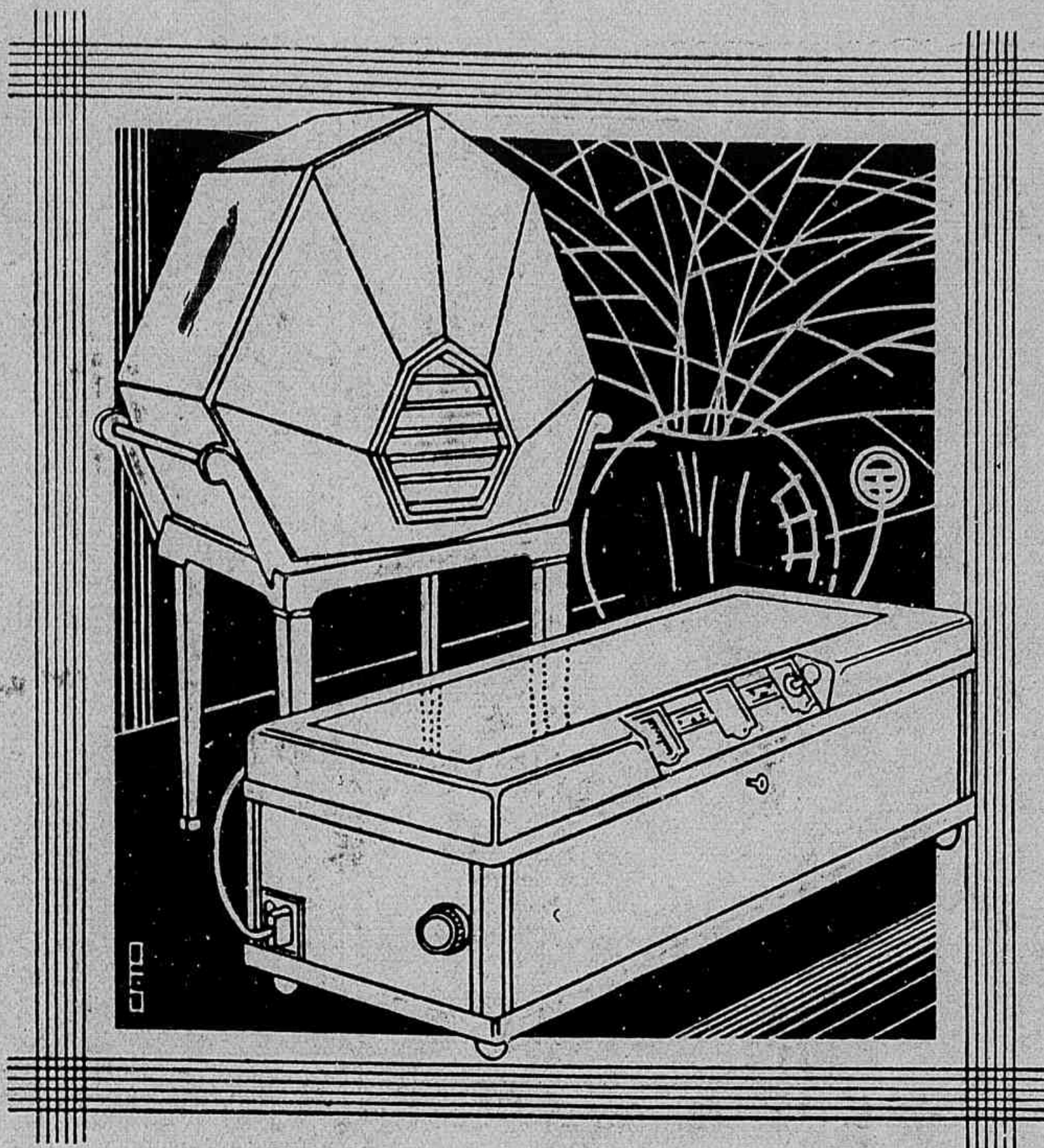
ODEON

(Cia. Brasil Cinematograph.)

O NASCIMENTO DO MENINO JESUS

UM GRANDE PRESEPE

Escolhendo para logar de seu nascimento uma humilde mangedoura da cidade de Bethlem, na Judéa, Jesus-Christo deu ao mundo uma linda lição de simplicidade. O nascimento do Menino Jesus é commemorado, em todos os lares do Brasil, com a ladainha, o presepe tradicional e a arvore de Natal, cujos frutos são os brinquedos cobiçados pelas creanças.

E é para que em todos os lares do Brasil não falte um presepe que *O Tico-Tico*, todos os annos, publica, em suas paginas centraes coloridas, essa tradicional scena da vida de Nosso Senhor Jesus-Christo.

Este anno, o presepe a ser publicado pelo *O Tico-Tico* é uma maravilhosa concepção do laureado artista Niels Christophersen. De grandes proporções, com muitas figuras e magnifica visão de conjunto, o Presepe de Natal, cujo modelo encima estas linhas, começará a sahir nas paginas d'*O Tico-Tico* de 27 de Agosto em deante.

PHILIPS 2510

O RECEPTOR COM UM ANNO DE AVANÇO SOBRE OS DEMAIS

Não é um apparelho commum, mas um super-receptor, screen grid, fabricado pela **PHILIPS**, os pioneiros das valvulas screen grid e penthodos. A sua simplicidade de manejo e a facilidade de escolher e receber as estações com grande volume só poderão ser apreciadas com o receptor:

PHILIPS 2510

Peçam uma demonstração a domicilio, afim de avaliar suas qualidades, ou venham assistir ás nossas demonstrações diarias das 13 ás 17, no edificio de "A Noite" 11° andar, elevador.

PHILIPS 2510

O vencedor na Exposição Olympia de Londres e Ibero Americana de Sevilha

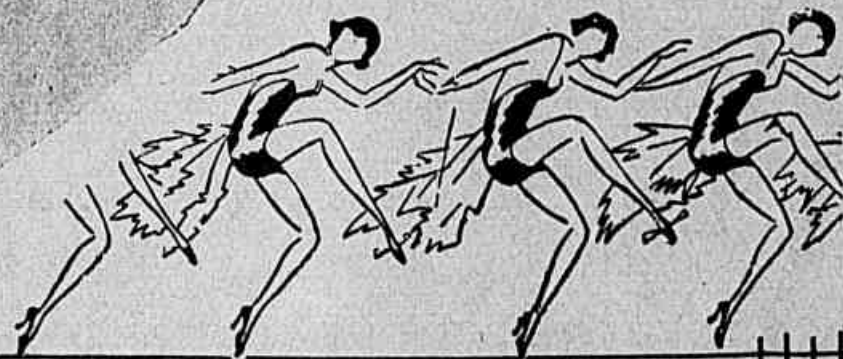
Desejo uma demonstração de vosso apparelho receptor 2510 não acarretando isso nenhum compromisso

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Demonstrações só no Districto Federal "C" 830

Córte este coupon e envie á S. A. Philips do Brasil. — Caixa Postal 954 — Serviço "C" — Rio.

A PARAMOUNT apresentará brevemente:
BURLESQUE
com HAL SKELLY e NANCY CARROLL
Uma formidavel super-producção, cantada, dansada, musicada
e falada

NORMA SHEARER E CHESTER MORRIS EM "THE DIVORCEE".

ANNO V
NUMERO 233
13 DE AGOSTO
— DE 1930 —

COMEÇOU a Camara a preoccupar-se com a reforma das leis que, entre nós, garantem o direito da propriedade intellectual. Apresentado o anno passado o projecto de reforma, pelo deputado Pessoa de Queiroz, que representara o Brasil, pouco antes, em um Congresso, realizado em Roma, no qual se compromettera o nosso paiz, em materia de direito internacional, compromisso este que o alludido representante da Nação corporificara em seu trabalho, permaneceu o projecto referido, sem que o estudassem, no seio da Commissão de Legislação e Justiça, como a tantos outros acontece.

Ultimamente, a uma reclamação do autor do projecto, foi este desentranhado do archivo e submettido ao exame do deputado Cyrillo Junior, que aconselhou, em parecer, a sua approvação.

Quer isso dizer que o projecto vae ser submettido a discussão, e, dado o tempo, póde ser ainda convertido em lei este anno.

Já tivemos occasião de dizer quanto é falha a nossa legislação actual em materia de propriedade intellectual, especialmente na parte referente ao Cinema.

E' de suppor que, durante a discussão, appareçam emendas que suppram as deficiencias ainda do projecto, que não encara todas as necessidades dessa modalidade, tão nova, das manifestações artisticas e literarias.

Leis como essa, que envolvem materia digna de producção, pela somma de interesses em jogo, não podem nem devem ser votadas sem ponderado exame e ampla discussão.

As leis de protecção á propriedade intellectual são materia que tem sido objecto de estudos, das maiores autoridades no assumpto, em todo o Universo; as que regem o assumpto, nos paizes que se mostram mais liberaes, quer nos que se apegam ainda ás tradições conservadoras, constam todas da publicação periodica do Bureau International de Berne, "Le Droit d'Auteur", que está ao alcance de qualquer pessoa, nas bibliothecas publicas.

Auxilios não faltam, pois, a quantos queiram estudar o assumpto a fundo; o material é rico e se, apesar de tudo, o Congresso votar uma lei manca, é signal de que somos mesmo incapazes de fazer qualquer cousa de sério, de que nos falta o criterio que deve presidir aos trabalhos de quem se mette a legislar.

A lei da propriedade intellectual, como a concebeu o deputado Pessoa de Queiroz, compendiando disposições anteriores que tanto têm contribuido para anarchisar esse assumpto, em que quasi não ha mez em que não surja uma controversia, nella introduziu dispositivos, que dizem mais com a locação de serviços, embora sobre materia theatral. São demasias facilmente reparaveis, como faceis de supprir as deficiencias sobre outros pontos de vista.

Como vae ser submettido agora a discussão o projecto, vamos acompanhar com carinho o seu trajecto legislativo suggerindo, se for necessario, alguma cousa que possa servir para o acerto legislativo, em materia que envolve interesses tão grandes e tão respeitaveis. O projecto tem dispositivos ainda que interessam indirectamente ao cinema, quando se referem á execução de peças musicaes pelas orchestras de logares, cuja entrada é paga. Pena é que não venha tambem á téla da discussão o projecto Deodato Maia sobre a censura, que adormeceu ha annos, nos archivos da mesma Commissão de Legislação e Justiça. Essa é uma das maiores necessidades da nossa cinematographia, embora disso não se apercebam os illustres paes da Patria que preferem preoccupar-se com as tricas da politicagem. Aguardemos a discussão do projecto Pessoa de Queiroz.

O primeiro palco do Studio da Cinédia, quasi prompto.

Cinema

portantes. Aliás ponto de vista que sempre foi o nosso, tambem. Achando, todavia, que já é uma cousa que se está resolvendo por si. E esperando, mesmo, que em breves dias tome um caracter definitivo.

A INGENUA DE "LABIOS SEM BEIJOS"

Em *Labios sem Beijos*, ha um papel que foi escripto para Eva Nil. Mas ella não poude vir ao Rio, desempenhal-o. Marisa Torá foi escolhida para substituil-a. Chegou a se maquillar, mesmo. Mas num dia em que diversas circumstancias impediram que houvesse filmagem. Logo depois ficou noiva e, naturalmente, deixou a téla para sempre. Yolanda Bernardi, que está com um importante papel em *Limite*, hoje, foi uma das consideradas, tambem. Pensou-se, depois, em Yara Dazil, estrella de *Piloto 13*, de São Paulo. Muitas e muitas outras foram pensadas. Mas nenhuma ficou com o papel e o mesmo, afinal, foi ter

Cleo de Verberena.

ARLINDO AMARAL NO RIO.

Arlindo Amaral, director da Sul America Film, de São Paulo. Productor do film *Piloto 13*, já entre nós, para ser brevemente exhibido, veiu ao Rio, entregar este seu film ao *Programma Leader*, de França Carvalho & Cia., representantes aqui do *Programma Alpha*, ao qual o mesmo film pertence, para distribuição pelo territorio Brasileiro.

Arlindo Amaral, depois de visitar nossa redacção, fez, tambem, uma demorada visita ao *Cinédia Studio*, em companhia de diversas pessoas, jornalistas e amigos. Mostrando, nas conversas que teve, um sempre crescente interesse pelo Cinema Brasileiro. E um proposito firme de continuar na luta. Fazendo, logo que lhe permittam as circumstancias, um novo film. O que, espera, fará muito breve.

Mostra-se elle muito enthusiasmado pelo movimento geral de grande progresso que o Cinema Brasileiro já mostra. E, sobre este ponto ainda traçou varios e importantes commentarios. Considerou o problema de distribuição como um dos mais im-

Alpha Programma vae distribuir "Piloto 13" e J. Pinho e Arlindo Amaral aqui estão assignando o contracto

ás mãos de Leda Lea, que che; ou, mesmo, a ser filmada.

Depois, Carmen Santos não poude continuar o film. E elle passou a ser uma producção *Cinédia*, com Humberto Mauro dirigindo. Elle escolheu Estella Mar, que, consultada, apresentou razões que a impediam de acceitar o papel. Esteve considerada Diva Tosca, estrella do film *A's Armas!*, de São Paulo, que afinal, tambem não poude ficar com o papel.

Foi ahi que foi lembrada Didi Viana que está sob contracto na *Cinédia*. Assim, ficou com o papel de ingenua do film, Didi Viana. Que já o terminou e que, com elle, será apresentada ao publico. Já vêm, os que acompanharam estas linhas, o quanto de criterio e lutas, no Cinema Brasileiro, para a escolha de uma artista para um papel de um film...

CELSO MONTENEGRO CHEGOU PARA A CINÉDIA

Celso Montenegro que tanto successo alcançou com o seu desempenho em "Escrava Isaura", mudou-se definitivamente para o Rio onde figurará agora nas producções da *Cinédia*.

E' provavel mesmo que seja uma das principaes figuras de "Dansa das Chammas" ao lado de Lelita Rosa tambem muito considerada para estrella.

Scena de "Euphemia" da Internacional Film com Grizetta Moreno.

Brasileiro

A *Cinédia*, além de reunir tres dos melhores directores do nosso Cinema. Humberto Mauro que dirigiu "Braza Dormida" e "Sangue Mineiro". Adhemar Gonzaga que dirigiu "Barro Humano" e Octavio Mendes que dirigiu "A's Armas!".

Está reunindo no seu elenco os melhores artistas brasileiros e os nomes de maior successo. Para o augmento de producção no proximo anno, porém, a *Cinédia* ainda pretende contractar um ou dois novos directores.

Carmen Miranda vae ser a estrella de "Degráos da Vida", primeira producção da Agra Film do Rio.

—O—

Ruy Galvão está filmando alguns "retakes" de "Meu primeiro Amor".

—O—

"A's Armas!", producção da Cruzeiro do Sul de Joaquim Garnier, film dirigido por Octavio Mendes, estreou em S. Paulo no Odeon, com grande successo.

—O—

"Iracema", será a proxima producção da Metropole Film de São Paulo.

—oOo—oOo—oOo—oOo—

Tambem continua muito adiantada a filmagem de "Nos maêtres les domestiques", em que tomam parte: Baron Fils, Henri Garat, Geo Tréville, Diana e Madeleine Guitty, Grantham Hayes, é o director.

Edmond Roze acabou o seu film de pequena metragem "Elle veut faire du Cinéma". Todo falado. Marguerite Moreno e Moussia, apparecem nos principaes papeis.

André Berthomieu seguirá breve para a Allemanha, onde lá iniciará a sua nova producção "Le muet" da qual René Lefebvre será a estrella.

Durante a filmagem de "Parallelos da Vida", da Aurora Film. João Stamato, operador. Gentil Roiz, o director. Gina Cavalliere e Estella Mar. Um visitante.

Ernani Augusto e Gloria Santos

John Ford, conhecido director, acaba de renovar por mais um longo praso o seu contracto com a Fox.

Para terminar o contracto que o prende á Universal, resta a Glenn Tryon apenas um film, que já co meçado.

Augusta Guimarães no

Quando Gonzaga escreveu o argumento de "Labios sem Beijos", pensou, para o papel de D. Perpetua. Solteirona de poucos principios e muitas palavras. Em Luisa Valle. A inditosa D. Chincha. Successo dos theatros para os quaes trabalhou. E, ainda, figura das mais salientes de "Barro Humano". Mas D. Chincha morreu. O film, quasi a terminar. Exigia que as referidas sequencias fossem filmadas. Humberto Mauro conferenciou com Gonzaga. E, dias depois. Ambos. Ouviam, no Theatro Recreio. O papel de uma das artistas daquelle elenco. Que, diziam, era ainda melhor do que Luisa Valle.

No dia seguinte, foi convidada. Recebeu os emissarios da "Cinédia" no seu elegante bungalow, ouviu a proposta. E, promptamente. Com uma gentileza admiravel e com um enthusiamo invulgar, acceitou o papel que lhe offereciam, no film.

Agora, tudo já está prompto. Approxima-se o lançamento do film. Ella, para os amantes do theatro. E' conhecidissima. Mas para os de Cinema, não o é tanto. Porque, os de Cinema, são os de todo o Brasil. E o theatro, geralmente é local.

Para os "fans", portanto, ouvimol-a. Esta conversa, por certo, foi das mais agradaveis que já mantivemos com qualquer artista. Porque, fóra dos seus papeis de caricata notavel. Augusta Guimarães é, por certo. Uma mulher cheia de predicados. Sejam physicos ou intellectuaes. Que a fazem, para os que a conheceram em papeis comicos. Mais interessante e mais attrahente ainda.

De extrema delicadeza, antes que falassemos, offereceu-nos saboroso café. E, depois, pois apenas sahia do seu banho. Veio, trajando um vestido caseiro. Leve. Maldoso...

Antes de começar, convém que diga, mais uma vez. Que Augusta Guimarães, fóra do palco, é uma figura interessantissima de mulher. Guardando, longe da sua caixa de maquillagem. Formosura e encantos que os que a viram já num palco. Desconhecem, completamente.

A sua prosa. Fluente e cheia de impressões curiosas. Foi um encanto para os 60 minutos que passamos em sua companhia. Aqui está ella. A's vezes em fórma de descripção. A's vezes em fórma de dialogo. Outras, em fórma de conversa.

Durante a filmagem de "Labios sem Beijos" com Lelita Rosa e Didi Viana.

Para os "fans" que anotam tudo, aqui vae um pouco da sua biographia.

Chama-se, realmente, Ilydia de Freitas. Nasceu em Loanda, Africa portugueza. E, ainda pequenina, mudou-se para a Ilha da Madeira. Lá, esteve mais de 16 annos. Ao lado de sua familia. Até que, finalmente, juntamente com os seus, mudou-se para o Brasil.

Sendo portugueza. E, ainda, tendo morado varios annos na Ilha da Madeira. Era de crer que tivesse um sotaque carregado, logicamente. No emtanto, é uma das grandes curiosidades que nella se encontra. Fala Brasileiro. Com a mesma fluencia e com a mesma perfeição com a qual falava Portuguez, ha annos. Explica ella este quasi phenomeno. Assim. Que sempre fazendo

No seu "bungalow".

CINEMA

papeis de caipira, no palco. Accostumou-se justamente com o Brasileiro "genuino". E, logicamente, por força do habito, adaptou-se ao seu novo habito de falar e, em pouco tempo, falava sem o menor vislumbre de sotaque. Um dos motivcs pelo qual nunca se imagina que ella seja portugueza de nascimento, como é.

Aos vinte e dois annos, trabalhando na Casa Raunier. Levava ella a vida. Calmamente. Quando, certa vez, accompanhando uma de suas amiguinhas aos ensaios de uma peça, no Theatro São José. Foi, pelo ensaiador da companhia. Considerada uma figura interessante e approveitavel para o palco. A offerta que lhe fizeram, não foi logo acceita. Ella pensava. E com razões... Havia um pae. Cheio de energia. Sempre de cara amarrada para qualquer expressão de arte. Como poderia ella, portanto, falar siquer em theatro. Quando sabia, perfeitamente, que seria motivo de summa colera?

Passaram-se mais dias. A empreza, finalmente, offereceu-lhe. Depois de algumas semanas. Um contracto que representava, para ella, o dobro do que vencia, como costureira.

Resolveu-se. Sem querer dizer nada aos paes. E, assim, no Cinema America, da Praça Saenz Peña, estreava-se ella. Com a peça "Mulata do Cinema", fazendo um papel de caricata. Obtendo, logo, grande exito.

Dias depois, quando regressava, encontrava a porta da casa cerrada. Inutilmente tentou entrar. Uma phrase dura e fria a fez ver que era inutil insistir. Nem mesmo seu irmão. Que todas as noites, depois do espectaculo, justificava suas entradas tardias. Poude fazer qualquer cousa por ella. Era inutil. Seu pae não mais a queria ao seu lado.

Depois disso, a sua carreira fez-se, rapidamente. Mudou-se para aquelle theatro. Representou naquelle outro. E, sempre, com sua fama augmentando e com seus contractos melhorando. Esteve em São Paulo. Com a companhia Arruda. Depois, aqui, de novo, na Companhia Cri Cri. Continuou obtendo exito. Até que certa vez. Offereceu-se, na sua carreira artistica, o seu momento de maior emoção.

Pacatamente ensaiava o seu papel. Quando, de outro theatro. E de outra companhia. Vieram convidal-a. A's pressas. Para substituir Luisa Valle. No seu papel capital, na revista "Comidas, meu Santo!", em plenissimo exito, naquella época. Foi como se lhe dessem uma bordoada. Porque, afinal, Luisa Valle, a D. Chincha; estava no apogeo da sua fama. Por qualquer questão. Divergiu da orientação da empresa e quiz sahir. O recurso era ella, Augusta Guimarães, para aquelle papel. Teve apenas um dia o seu papel. Era ousasado, sem duvida. Sem ensaio. Com horas para estudar mais ou menos as suas phrases. Innumeras e importantissimas. E, ainda por cima, o nervozismo daquella situação. A mais emocionante de quantas já atravessára, em vida. Temia a pateáda. Porque, assim, como poderia se igualar á outra? Ensaiada. Treinada naquelle papel. E applaudida, incondicionalmente?

Fez-se forte. Enfrentou o publico. E, felizmente para ella. Foi um grande successo. O publico, a principio, recebeu-a com frieza e indifferentismo. Mas, depois do primeiro dialogo. Esboçou um sorriso. Ao fim do segundo, outro. E, depois; graças á sua maneira interessante e viva de representar, explodiu em francas gargalhadas.

Já se vê que, hoje, substituindo Luisa Valle. Em "Labios sem Beijos". Já não póde soffrer commoções...

Sendo artista de theatro, offerece ainda uma grande curiosidade. Não tem superstição alguma. Nem se incommoda com chapéo em cima de cama. Nem gatos pretos. Nem passar debaixo de escadas. Nem numeros 13. Ou sextas feiras de ventania... E' perfeitamente indifferente á tudo isso...

(*Termina no fim do numero*)

Viajando...

Na téla.

Amor audaz

(AMOR AUDAZ)

Não precisavam falar. Os olhos delle. Pesados. Denotavam o que sentiam por ella. Os della, entre desejosos e assustados. Mostravam-lhe toda sua alma amorosa e meiga...

——O——

Ao cabo de dias, o amor de Lucy por Courtenay e o delle, por ella, era notorio. Amavam-se. Amavam-se, como se ama um homem maduro. E uma mulher de experiencia. Ambos, na vida, sem ter tido, ainda, um verdadeiro amor...

Eram scenas de amor profundo. Intenso. Não se beijavam. Nem se abraçavam. Apenas trocavam phrases e rapidos apertos de mãos. As circumstancias não permittiam mais do que isso...

Principalmente Enid. A filhinha do casal visado pela argucia de Malatroff. Que pensava amar as casacas bem cortadas de Courtenay. Esquecendo-se, por instantes, do seu terno apaixonado, o pobre Sandy Weyman...

——O——

Um dia, Malatroff chegou á Nice. Era tempo de se activar o roubo.

— Malatroff, eu te digo!

Elle já sabia o que ella ia dizer. Já ouvira aquillo mais de uma vez. Mas preparou-se pacientemente para mais uma...

— Não quero roubar esse colar! Nem outro! Nem nada mais!

Não disséra?... Lá estava ella, de novo, com as suas choradeiras de costume...

— Vamos, Lucy, deixa-te disso! Vaes e vaes lógo!

Convenceu-a em segundos. Ou ia, ou elle a denunciava, com as provas que tinha.

Resolveu acceitar. Nunca que Malatroff comprehenderia o seu amor por Courtenay! Era inutil insistir.

Acceitou o convite que Corbett lhe havia feito, sabendo a amisade do Hon. Courtenay Parkes.

——O——

Tudo correu bem. Tudo, até o momento do grande baile. Quando Enid já fizéra as pazes com Sandy e já permittira que o noivado fosse annunciado... Ella perdêra as esperanças. Comprehencia que as attenções de Courtenay, todas, eram para Lucy. Sentia que não era a especie de mulher para aquelle homem cheio

(Termina no fim do numero).

FILM DA PARAMOUNT

Adolphe Menjou . . Hon. Courtenay Parkes
Rosita Moreno . . . . Sandy Weyman
Ramon Pereda . . . . Malatroff
Barry Norton . . . . Sandy Weyman
Maria Calvo . . . . Mrs. Corbett
Director : — LOUIS J. GASNIER

Lucy Stavrin era uma coitada. Estava em Paris. Habitava um dos melhores hoteis. E, apesar disso, era uma coitada.

E' que Malatroff, chefe de uma enorme quadrilha de ladrões de joias. Tinha-a, ali, como chamariz e armadilha aos incautos.

Se ella o acompanhasse, em tudo e por tudo. Conscientemente. Voluntariamente. Não seria uma coitada. Mas é que ella o fazia contrariada. Instigada. Forçada, mesmo.

Ainda mais depois daquelle dia. Quando ainda sentia, sobre os seus, os olhos profundos daquelle inglez mysterioso e correcto. Que morava ao seu lado. E que se mostrára tão distincto, sempre, apesar da natureza dos seus olhares...

Era o Hon. Courtenay Parkes. Distincção sem par. Unica! E, todo aquelle conjuncto, fascinára Lucy. Principalmente por causa de Malatroff. Grosseiro e vulgar. Que a tratava, sempre, com o mais refinado pouco caso.

— Lucy, bôas novas...

Era Malatroff que entrava. Ella se fez séria. Poz-se a olhal-o.

— Vaes a Nice!

Logo seu pensamento voou para o inglez.

— E terás que me trazer, em menos de um mez, o collar de perolas de Madame Corbett...

Ella não se lembrava de Madame Corbett. Mas Malatroff avivou-lhe a memoria.

Recusar? Para que? Malatroff encontraria o meio de a forçar a praticar o roubo. Assim, mais do que desilludida. Triste, mesmo, passou aquella sua ultima noite, naquelle hotel, ouvindo as passadas do inglez, no quarto vizinho, até que cessassem. E, depois, poz-se a pensar. Maduramente. Na sua situação. Na vida que levava. Em tudo aquillo que já lhe começava a causar tanto tedio, tanto asco...

——O——

Em Nice, Mr. e Mrs. Corbett. Casal americano riquissimo. Ao lado da pequenina Enid. Sua filha do coração. Installaram-se em casa confortavel e vistosa.

E Lucy, no melhor hotel...

No dia seguinte, quando passeava defronte á casa, inspeccionando o terreno, viu um vulto que sahia da casa vizinha. Ia para tomar seu automovel. Parou.

Continuando a andar, Lucy chegou perto delle. Era o Hon. Courtenay Parkes. Lucy estacou. Nunca se haviam falado. Apenas se haviam olhado. Mas ella não poude deixar de parar. Sentia-se fascinada por aquelle homem. E, vendo-o ali. Quando já o imaginava longe, deixando-a tão triste. A sua alegria era intensa.

E demonstrada num grande sorriso...

Aquillo durou segundos. Courtenay abriu a porta do carro. Fel-a entrar. E, emquanto o mesmo descia, rua abaixo, conversavam.

— Porque parou?...

— Eu...

— Sim, ia andando tão bem...

— E' que...

— Vamos, termine sua phrase...

Lia Torá fez mais um film

SCENAS DE "A SOLDIER PLAYTHING" AO LADO DE BEN LYON E HARRY LANGDEN

A fraqueza de Richard Dix

Dobrae qualquer esquina de qualquer rua dos Estados Unidos e encontrareis pela frente Richard Dix. Quero com isso dizer que elle é o typo caracteristico do americano "diga isso sorrindo", "avante rapaziada", "sou o typo do camarada das pequenas". Basta vel-o para se reconhecer isso. O que os europeus notam com uma certa surpreza e ironia é, que, em geral, o homem americano tem a epiderme macia e o rosto perfeitamente liso, mais ou menos de menino, physionomia innocente, risonha, de expressão bondosa, com um laivo de indio na conformação, e que quasi sempre é um typo de elevada estatura e genero "ar livre". Comparae o rosto de Hoover ao de um estadista francez, e tereis uma creança ao lado de um senhor experiente, barbado e de cara enrugada.

Mas não raro os europeus se enganam com essas caras de menino. Por traz da mascara innocente, agita-se o sangue do pioneiro indianizado, feroz, resoluto, amotinado, que não engeita parada. Os europeus ficaram assombrados ante o ar sorridente e a galhardia com que os rapazes das Forças Expedicionarias Americanas arrancavam para a frente. "A victoria ou a morte", poderia ser a divisa americana. E' assim que falam os nossos pugillistas na arena; é assim que os nossos teams de foot-ball conquistam os seus goals e que os nossos homens constróem as grandes industrias. Quando chega a hora da bôa companhia, tudo são risos e alegria e "Eia, eia, rapaziada, é aqui!", mas quando sôa para a luta, "heap Indian!"

Eis a razão por que encontramos Dix a cada esquina. Todavia, ladies e gentlemen que frequentaes os Cinemas, tendo dito tudo isso, vou fazer algumas restricções ao que disse. Richard Dix é antes de tudo e sobretudo actor, e não ha, pode-se dizer, no firmamento cinematographico nenhum outro astro de tão longa vida como elle. De facto, salvo o tempo da infancia e o curto periodo em que trabalhou num banco de Minneapolis, Richard Dix nunca foi outra coisa senão actor. E a ninguem é dado ser actor e homem commum ao mesmo tempo. Dix, entretanto, nasceu para homem commum e tem *representado* com perfeição o typo do americano mediano.

Mas os typos medianos fazem coisas medianas. Não suspiram, contrariando a opinião de sua familia, pelas lampadas Kleig e pela camara; não prezam o make-up; não se fazem adorados á primeira vista — e em sombra, que é aqui o caso — de uma infinidade de jovens mulheres por esse mundo em fóra; não dão a impressão de heroes; não se dedicam a estudar musica, e, por fim, nesta terra de liberdade, não se deixam ficar solteiros. Ora, Richard Dix é o mais celibatario de todos os casadouros de Hollywood. Seria digno de um premio nacional. O homem que é capaz de resistir ao imperio das mulheres americanas, sobretudo nessa terra de perpetuos Premios de Concurso de Belleza que se chama Hollywood, está, sem duvida, longe de ser um individuo commum, um homem como toda gente.

Porque será que esse bronzeado de seis pés de altura, com a sua expressão ingenua e aquella voz de timbre cheio e harmonioso gosa de extraordinaria sympathia entre as mulheres e, entretanto, se mantem solteiro? Se o interpellarmos a esse respeito, Dix nos affirmará que sempre desejou ter um lar de verdade, uma esposa.

Eu, no emtanto, responderia que elle é actor, o que significa que preferiria antes representar um personagem do que ser esse personagem; que elle é um espirito coherente comsigo mesmo, o que não acontece com bom numero de actores, pois estamos acostumados a vel-os entrar soffregamente pela porta da frente do matrimonio, apenas para se verem ignominiosamente expulsos pela porta de traz. Representar de marido e ser realmente um marido, são duas coisas tão differentes que a comparação é uma temeridade.

E dizendo isso, não quero fazer menoscabo aos actores ou a outros quaesquer artistas. O mundo seria, na verdade, uma coisa bem insipida se não existisse uma casta de homens e mulheres nascidos para representar papeis aptos a nos divertirem, espirituosos, ás vezes, instructivos sempre. Assim, pois, os artistas deveriam gosar de privilegios, um dos quaes seria casarem-se menos do que o resto da humanidade.

Mas, voltando á vacca fria. Dix é encantadoramente honesto nas suas respostas ao questionario que lhe enviou uma revista americana.

Quem suspeitaria, por exemplo, que esse sorridente, despreoccupado e *bon-vivant* typicamente americano fosse capaz de confessar:

Sou, ás vezes, consciente da minha individualidade.

Tenho os meus momentos de timidez.

Gosto de me ver em evidencia... mas não em casa.

Sou muito ciumento... quando amo.

Não sei "offerecer-me", isto é, solicitar trabalho, pleitear um accesso... a não ser ás vezes.

A vida para mim não é uma brincadeira, a ser tratada como um sport.

Dar ordens, mandar, não é coisa que eu faça com facilidade.

Sou bom actor sómente em publico.

Sou, por temperamento, homem de uma só mulher.

Em outras palavras, ha em Dix um pouco do subjectivo, isto é, do typo que encontra difficuldade em adaptar-se ao mundo. Um pouquinho sómente, talvez, mas o bastante para justificar a razão por que elle é actor em vez de engenheiro ou aviador. Porque, os artistas, na sua maioria, achando difficil viver os papeis, representam-n'os, quer escrevendo historias quer figurando-os em scena. Apresso-me a accrescentar que Dix parece ser menos introverso (ou subjectivo) que muitos delles. Mas, fixemos primeiro essa expressão de encantadora e imprevista candura:

Pergunta: Na opinião alheia sois considerado um "profundo"?

Resposta: Absolutamente.

E, no emtanto, estamos acostumados a ouvir que os actores são verdadeiras pyramides de presumpção! Passando do subjectivo ao objectivo, eis o que elle nos informa:

Quando converso, trabalho ou represento, esqueço-me completamente de mim mesmo.

Sou um espirito muito pratico.

Domino com extrema facilidade os resentimentos que uma disputa, uma decepção ou um prejuizo possam crear em mim.

Sou um espirito muito communicativo — muito mesmo.

A realização constitue para mim um prazer natural.

Gosto dos meus semelhantes.

Sou naturalmente muito affectivo e amoroso.

Sou realista, tenho senso commum, em regra deixo-me levar facilmente e sou por natureza um legitimo *go-getter*.

Tenho os pés firmemente assentados no solo.

Assim, pois, verifica-se que, estabelecida a proporção entre o subjectivismo e o objectivismo de Dix, se encontra uma razão de 14 para 42.

Eu diria que Richard Dix é um typo de objectivista sensorial, com muito de sentimento e de pensamento a assistir-lhe a sensação. A sensação é uma faculdade de natureza material, masculina, realistica e manifesta-se atravez dos sentidos — da vista, do ouvido, do tacto, etc. Quando com ella se mistura o sentimento, o individuo torna-se um emotivo; mas quando entra em jogo o pensamento (qualidade por sua vez, tambem, altamente masculina) temos o individuo aggressivo e ardoroso no impeto. Os rapazes americanos foram, em geral, feitos mais ou menos dessa massa — emotivos, sociaveis, de bom genio até que chegava o momento da luta.

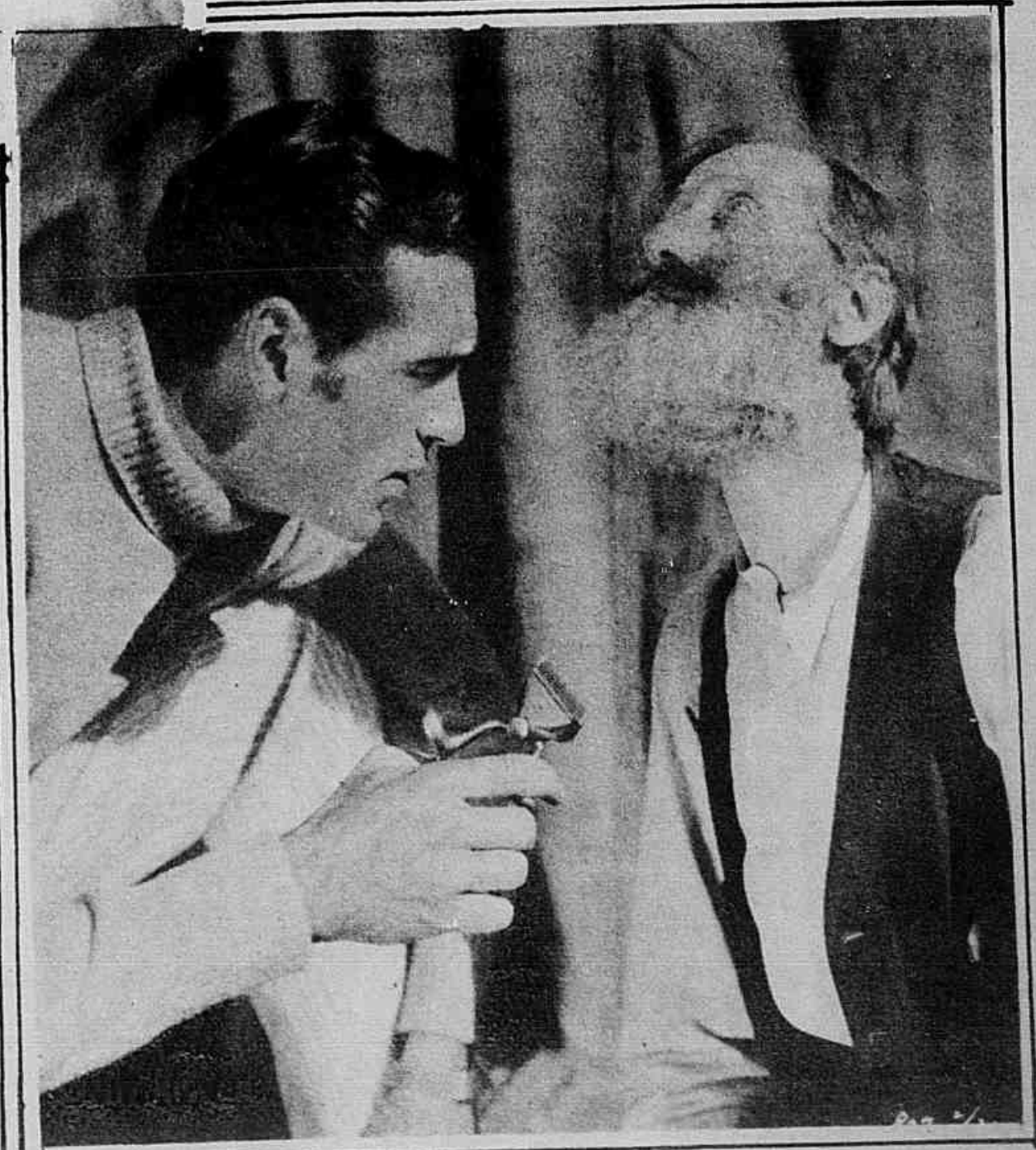
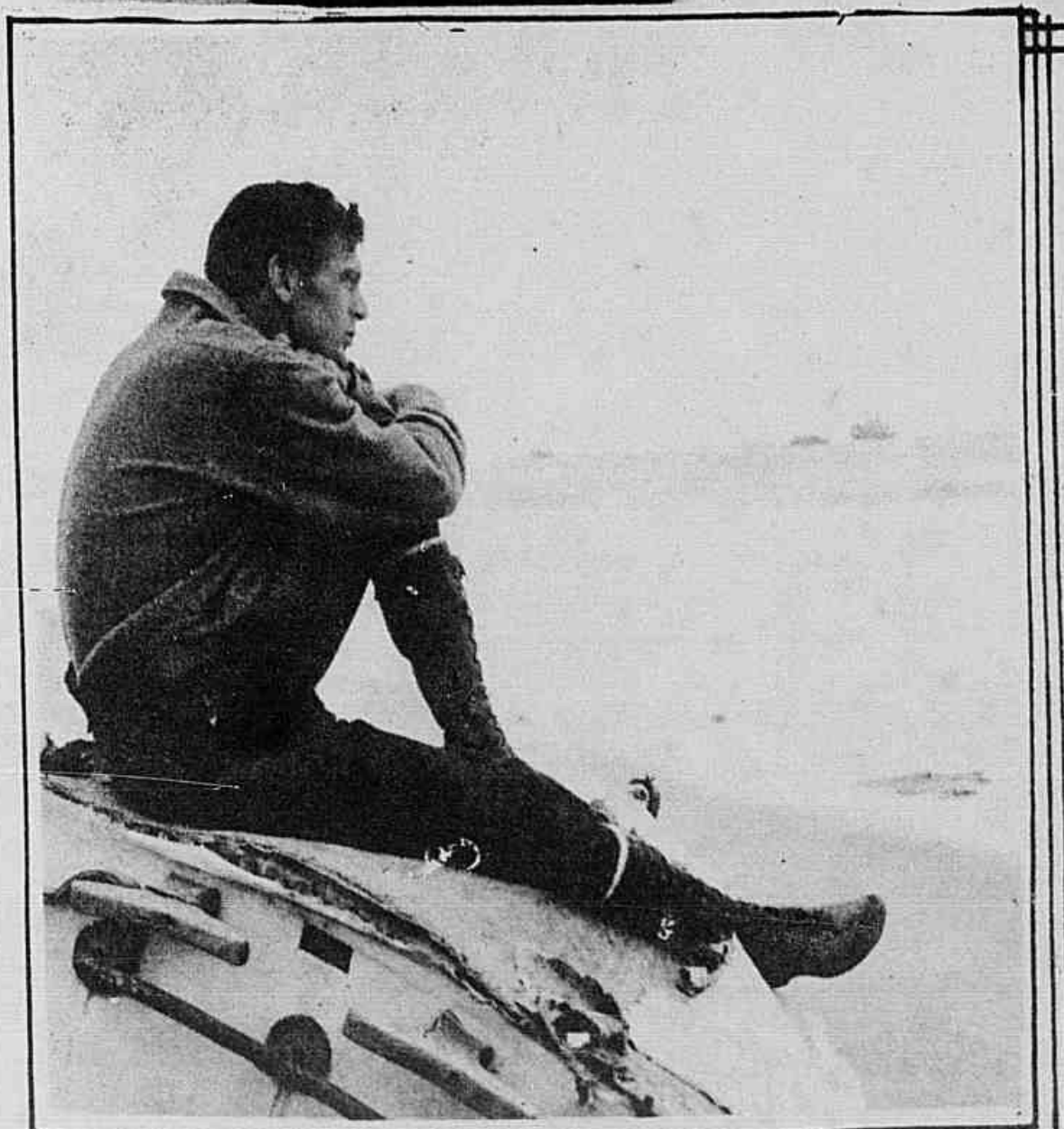
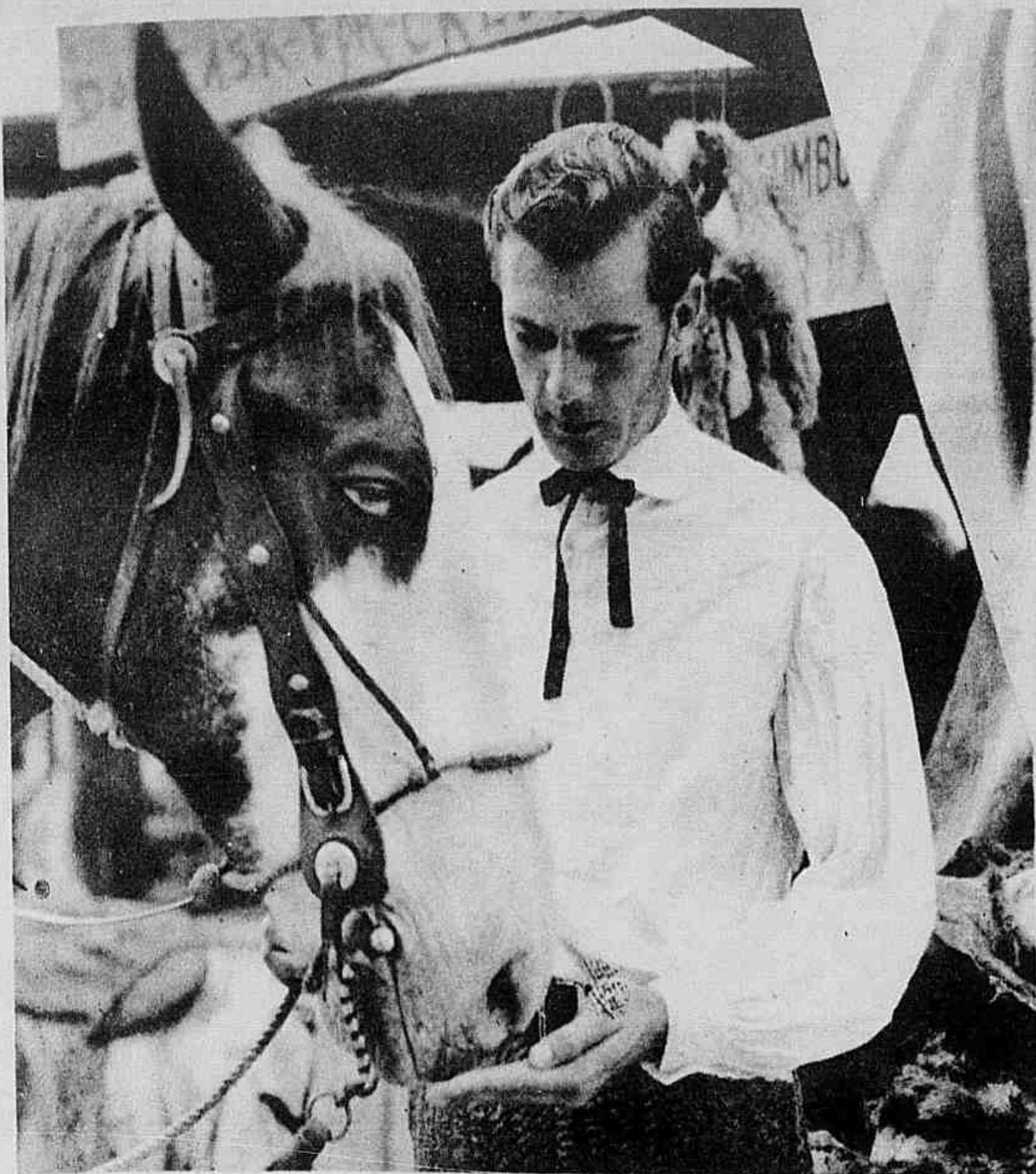
Um americano, ladies e gentlemen, um *big boy* de St. Paul, Minnesota, mas com a differença de ser actor, e um bom actor, por signal. Os homens gostam delle; as mulheres sentem-se encantadas. Dix mostra apreciar a vida e todos nós o apreciamos. Se elle desapparecesse da téla, nós sentiriamos a sua falta.

RAQUEL TORRES E
CHARLES BICKFORD

Cinearte

MAY MOYLAN

Cinearte

GARY COOPER EM LOCAÇÃO PARA A FILMAGEM DE OUTRA EDIÇÃO DE "THE SPOILER'S".

NOITE

(ONE ROMANTIC NIGHT)

UNITED ARTISTS

Lillian Gish . . . . *Alexandra*
Conrad Nagel . . . . *Dr. N. Haller*
Rod La Rocque . . *Principe Alberto*
Marie Dressler . . . *Princeza Beatriz*
O. P. Heggie . . . . . *Frei Benedicto*
Albert Conti . . . . . *Conde Lutzen*
Edgar Norton . . *Coronel Wunderlich*
Billie Bennett . . . . *Symphrosa*
Philippe De Lacy . . . . . . *George*
Byron Sage . . . . *Arsene*
Barbara Leonard . . . . *Mitzi.*

Director: — *PAUL L. STEIN*

O Principe Alberto despediu-se das ligas de mulher. Que guardava religiosamente. Despediu-se do seu caderninho de endereços. Despediu-se da bohemia enorme que era toda sua vida.

Recebeu ordens.

Embarcou.

Eram ordens de seu Pae. Não as podia desobedecer. Absolutamente! E elle mandava que procurasse Alexandra. Filha da Princeza Beatriz, sua tia...

E que tal a priminha?

Seria suave? Seria perigosa? Traria romance? Ou traria sustos.

—

Depois que a viu. Nem se animou. Nem se desilludiu. Era bonita, não havia duvida. Mas era de uma belleza que não o enthusiasmava. Era simples. Não tinha aquelle colorido necessario á especie de mulher que elle gostava de beijar e querer bem...

E, logo ás primeiras palavras trocadas, Alberto procurou ser intimo. Quiz conhecer melhor aquella bonequinha loira que lhe queriam dar para esposa.

— Depois de casados...

— Mas...

— Ha objecções?...

— E' provavel. Eu, confesso, jamais tinha pensado num casamento assim...

— Assim... Como?

— Sim! Forçado... Obrigado...

Alberto comprehendeu, em segundos, que não tinha, ao seu lado, uma pequena vulgar. Elle pensou que ella o quizesse, incondicionalmente, só por causa do seu nome. Da sua posição aristocratica.

Enganou-se.

E bem por isso achou que Alexandra era mesmo o typo de mulher que queria para esposa...

Caprichos de principe herdeiro...

No dia seguinte, Alexandra ouvia de sua Mãe. Severissima reprimenda.

— Regeitas um principe! Um homem que vae governar, em breve, os destinos desta Nação! Com franqueza, minha filha, enlouqueceste...

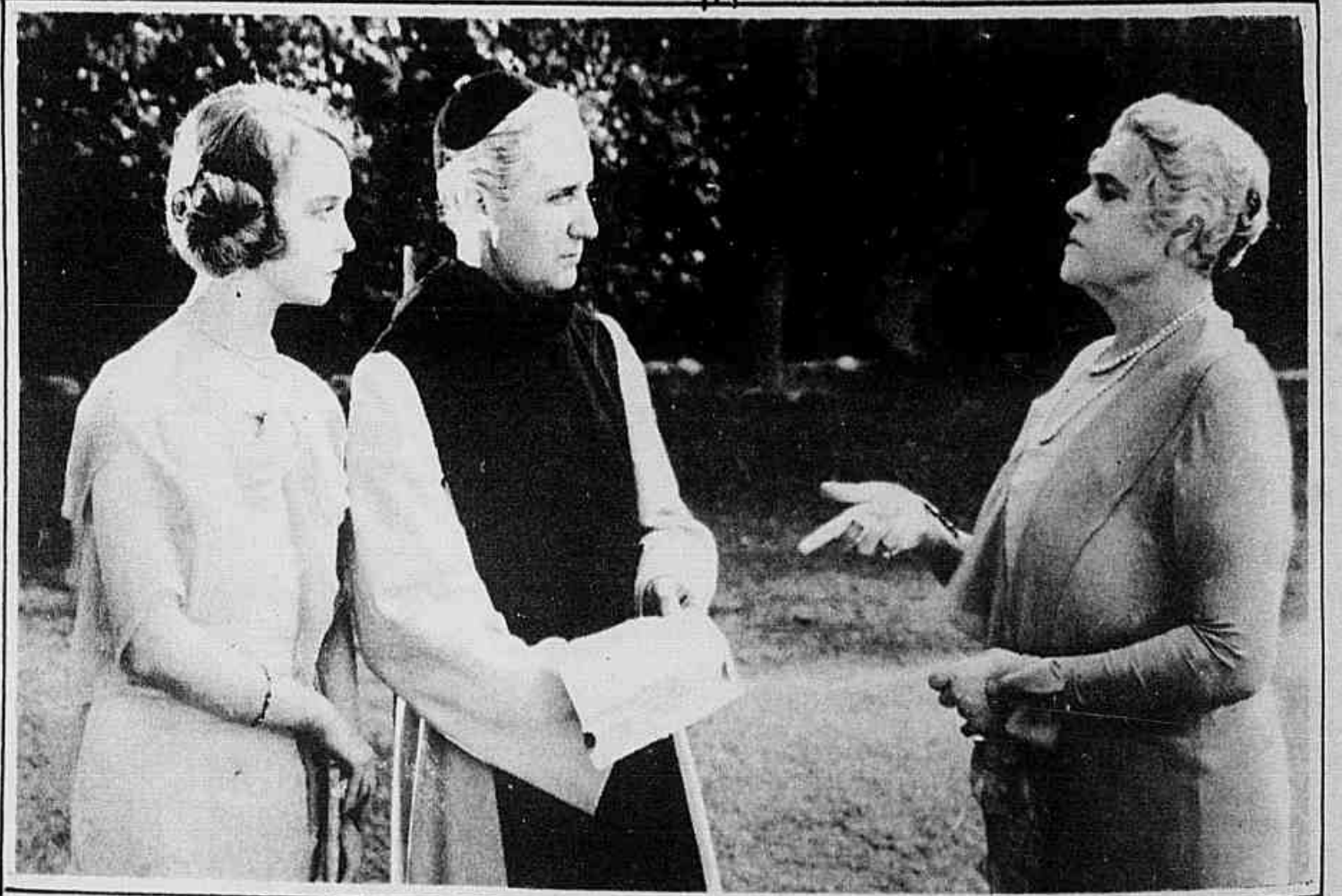
— Mas Mamãe...

— Não me digas que não o amas! E' demasiadamente vulgar.

Continuaram discutindo. Afinal concertaram um plano. De facto, bom.

— Bem, Mamãe. Se elle mostrar ciumes. E' porque me ama. E se me ama. Eu sentirei forças para o amar, tambem e, assim, será muito melhor. Não acha?...

Mamãe achou.

E o dr. Nicholas foi procurado.

Elle era um homem humilde. Simples e bom. Doutor. Scientista de grande fama. E regularmente sympathico.

E, para o banquete e baile. Offerecidos em homenagem a Alberto. O dr. Nicholas tambem é convidado. Seria, elle, o iman para os ciumes de Alberto...

—

Ao banquete, Alberto começou a troçar com o dr. Haller. Não que se sentisse ciumento. Ou que quizesse magoar Alexandra. Mas é que achava engraçadissimo o astrologo. E, assim, começou a lhe fazer diversas perguntas sobre estrellas. Deixando-o confundido com seus trocadilhos. E perturbado com sua ironia...

Quasi ao fim do banquete. Já posto abaixo do ridiculo. O dr. Haller já se ia levantar, mesmo, para se retirar. Mas Alexandra, enervada. Achando que aquillo era demais, impediu. E tomou sua defeza. Argumentou com Alberto. Discutiu com elle. Fez-se franca aliada de Haller, contra as investidas do Principe...

Acabado o banquete, Haller, em segundos, encontrou-se a sós com Alexandra.

— Se ao menos vos pudesse agradecer...

— De nada, doutor! Achei, de facto, que era demais, aquillo!

— Senti, porque eu vos amo. E elle me magoava, em vossa presença!

Alexandra olhou-o. Respeitoso. Sincero. Haller não tinha o fogo malicioso do olhar de Alberto. Mas era esplendidamente sympathico. E, além disso, um homem distinctissimo. Quando sentiu, Alexandra estava nos braços delle. Respeitoso, sempre, apenas a beijou nas faces. Sem arroubo. Suavemente. Como se beijasse uma flôr sensibilissima...

Ao beijo, succedeu-se uma gargalhada. E, á esta, uma phrase causticante.

— Bravos! O nosso romantico

astrologo! E disse mais uma série de palavras. Cada qual mais venenosa e ferina.

Alexandra acabou com aquillo. Rapida. Apanhou a cabeça de Haller, entre suas mãos. E, num impeto. Beijou-o. Com ardor e furia. Nos labios. Como se o quizesse tragar.

Alberto fez-se sério. Estava perplexo. Haller, completamente aturdido, não sabia o que fazer.

Alexandra, olhar em fogo, enfrentou o Principe.

— Vós, vos esquecestes de que eu o amo!

E obrigou, assim, a educação do Principe a se curvar, diante de Haller. E lhe pedir que perdoasse suas troças e ironias. Haller curva-se. Responde que não se magoara com aquillo. Alberto sáe. Entre nervoso e vingativo...

de Edyllio

Mais tarde, quando se preparava para dormir, Alexandra ouviu rumor para o lado da sacada do seu quarto. Segundos depois, saltava, para dentro delle, a figura elegante e bonita do Principe Aalberto.

— Vós!

Elle lhe fez signal que se calasse. Que não fizesse barulho. Ella o obedece. Elle se approxima.

— Alexandra!

Enlaça-a.

— Não me faça crer que ama aquelle astronomo!

— Amo-o!

— Não o ama! E' apenas illusão.. Olhe...

Beijou-a violentamente nos labios. Com fogo e paixão.

— Quero que me diga que não o ama mais!

— Amo-o!

Tornou a beijal-a. Ella não se podia livrar. Elle a tinha bem presa.

— Mas elle já a beijou assim? Elle sabe beijar?... Coitado... Só sabe procurar estrellas... Case-se commigo!

— Não!

Elle lhe fechou os labios com mais um beijo. Ella já resistia frouxamente.

— Alexandra! Quando amo, não ligo ás estrellas. Quero seus olhos! Sua bocca! Os verdadeiros "astros" que me fascinam... Vamos, não minta a si propria! Não affirme que não me ama... Estou sentindo amor, nos seus beijos, nos seus labios, na palpitação violenta de seu coração... Mas esperarei outro instante, de mais calma, para que me diga se realmente não me ama...

Antes que ella tivesse tem po para reflectir, elle saltou Pelo mesmo logar por onde en trara.

Sózinha, Alexandra pare cia aturdida. Aquillo lhe pa recia um sonho. Um roman ce. E não a realidade.

Notava grande differenç Os labios de Haller parecia frios. Os de Alberto... Era mornos. A's vezes quentes Beijavam com ternura. Era de fogo!...

Não conseguio dormir. Era pensamentos e pensamentos adejar pelo seu cerebro. ver se tiravam uma conclus exacta e segura de tu aquillo...

No dia seguinte, Haller procurou, logo cêdo.

— Sei que me beijou h tem, Alexandra. Com pe do ridiculo a que me vinha jeitando o Principe Alber Não creio que me ame!

(*Termina no fim do nume*

A PEQUENA QUE

— De que vale a vida, sem uma illusão?...

— De que serve um banho, sem um sabão?...

Pensamentos profundos, com certeza. E de facil resposta...

Agora, pergunto-vos.

— De que vale uma artista de Cinema, sem uma vida amorosa?...

No emtanto, eu vos garanto. E' a primeira e unica especie...

Lois Moran é a pequena que nunca amou. Ha diversos annos que ella se conserva livre e desimpedida. Está, agora, com 21 annos. Ha tres annos que se acha em Hollywood. Tem um esplendido contracto com a Fox. E... nunca amou...

Engraçado, não?...

— Eu jamais amei!

Disse-me ella. Sorrindo, satisfeita. Não teve, no olhar, um só lampejo que trahisse uma mentira da phrase. Uma confissão, sem duvida, tão importante quanto as mais importantes que em Hollywood se fazem...

Ha dois annos passados, esta confissão de Lois não causaria o menor espanto. Porque ella era espiritual. Vaporosa. Simples. E, mesmo, chegava á perfeição de ler Nietzsche, no "set"... E' logico que não podia amar...

Ha dois annos que não a vimos. Ella tinha a mania do espiritismo. Depois perdeu isso. Mas queria, como mulher. E curiosa, logicamente. Conhecer os segredos do universo. Amava a arte. E tinha os seus idéaes artisticos, acima de quaesquer outros. Além disso, nada mais sabia, da vida. Ainda bem joven. Adquirira, na vida, uma posição invejavel e de successo. E, cousa admiravel, sem ter tido, na vida, um só escandalo. Desses que fazem a felicidade dos productores...

Dois annos depois. Tendo passado pelos caminhos diversos da fama. Tornou-se mulher, tambem. Physicamente. Moralmente. E, assim, todos notando e sua mãe notando tambem. Lois resolveu apparecer, finalmente. Começou a frequentar festas. Primeiras de grandes films. Bailes. Começou a dansar, tirando poeira dos calcanhares... E divertindo-se immensamente. Ao lado de diversos rapazes. De todas as idades. De todas as sortes. Até mesmo collegiaes...

Depois disso, passou a ser conhecida como uma das mais modernas entre as pequenas de Hollywood. Eram 3 os concurrentes ás suas caricias. E, mesmo, tempos depois, chegaram a dizer que Lois, a ingenua de "Stellas Dallas", era, agora, uma "sapéquinha"... Afinal, nada mais era, isso, do que um passo de Nietzsche á vida nocturna... Passava, antigamente, noites e noites, cogitando de conclusões philosophicas. Acabou discutindo philosophia nos assoalhos dos "dancing" de Hollywood...

Agora, que acabo de fallar com ella. De saber suas opiniões. Voltou ella, de novo, aos seus livros. Diz que se acha um tanto ou quanto cançada da vida accidentada que levava. Que os bailes e mais bailes a prostraram. Mas, de que nos custa, afinal, julgarmos tambem. Que ella encontrou, na vida, algum caso de difficil solução. E que, assim, recorre aos livros, agora; para solvel-o,...

Além disso, nova occupação toma-lhe a vida. Tem escripto. Contos. Novellas. Pensamentos. Uma serie de cousas que já têm sido impressas em importantes revistas. E que muita gente tem elogiado como assumpto importante e interessante. Confesso que ainda não li...

E, assim, ao lado dos seus escriptos. Ao lado das suas dansas e das suas leituras. Ella continua a se fazer mulher. Cada vez mais fascinante. Cada vez mais agradavel e sympathica.

No emtanto, é, mesmo, a pequena que nunca amou...

— Lois. Explique você mesma este caso...

— Eu?

— Sim, explique!

— Bem...

Fez uma pausa protectora para seus pensamentos de artista de Cinema e escriptora...

— Os homens daqui são muito attrahentes, sem duvida. E' difficil escolher algum. Gosto de tantos...

— Não sei se seria bôa esposa. Sou bastante egoista, para ser infeliz. E, além disso, demasiadamente immersa na minha carreira. Para que tenha tempo de pensar em outros... As maiores cousas da minha vida, são: Representar. Tive meu desejo satisfeito. Depois, quiz cantar. Cantei e canto. Depois, ainda, escrever. Comecei. Acceitaram o que eu fiz. Tive, assim, mais uma ambição satisfeita. Agora, é logico, preciso cuidar dellas...

— Meu contracto com a Fox termina em Julho. Francamente, não sei o que faça, depois disso. E' provavel que me decida a abandonar o Cinema. E dedicar-me, assim, unicamente ao canto e aos meus escriptos. Mas, ao mesmo tempo, é-me demasiadamente penosa a idéa, apenas, de deixar o Cinema. Para o qual tanto já dei da minha alma. E para o qual ainda quero dar tanto. E, além disso. Tenho, felizmente, uma posição invejavel, nelle. Emfim, é preciso esperar, para resolver na occasião...

— Já me deram como noiva, mais de uma vez. Uma, com Marshall Neilan. E, outra, com Howard Sheehan. Nada houve, em ambas as vezes.

Apenas me haviam visto, duas ou tres vezes, durante o mez, em companhia de um e de outro. E, assim, foi isto sufficiente para que me dessem como noiva de um. E, depois, do outro. Agora que New York nos mandou escriptores e actores. Hollywood ainda se tornou mais attrahente. Divertidissima, sem duvida!

— Mas eu quero casar, apesar de tudo. Daqui ha tempos. Quem sabe lá quando?... Quero muitos filhos. Gemeos, se possivel. Mas quando me casar. E' que já dei, aos meus tres caprichos, tudo quanto quiz e tudo quanto pude.

Neste momento do duélo espiritual que tinhamos. Entrou a Mamãe Moran.

— E' verdade.

Referia-se ella á ultima phrase da filha. Que conseguira ouvir.

— Realmente, não sei, mesmo, porque é que ella não se casa. Só mesmo Deus sabe o quanto já tenho feito para isso! Sempre que a vejo interessada. Neste ou naquelle. Eu a encorajo e a torno accessivel ao casamento.

nunca AMOU

Mas, ao mesmo tempo, ella começa a vacilar entre este, que é intelligente. E aquelle, que é romantico. E aquelle outro, ainda, que é sentimental. E acaba não querendo nenhum...

Lois, ahi, interrompeu. — Mas o facto é que ninguem me quer! Eu ainda acabarei num convento...

Havia, sobre a mesa, um montão de manuscriptos. (Escriptos á machina, aliás...) Eram elles, a primeira série dos contos curtos que ella estava escrevendo para uma das mais importantes revistas do Paiz. A novella que estava em primeiro logar, chamava-se "Kisses". E, a outra, logo a seguir, "Lua de Mel".

Que historias!...

Lois as leu para mim. Enthusiasmada e enchendo-me de enthusiasmo. Havia, nellas, muito do genio intelligente della. Eram singelas. Sinceras e admiravelmente delicadas.

"Kisses", a primeira que me leu, descrevia as differentes maneiras de beijar. E, nas pequenas, os effeitos desses mesmos beijos. "Lua de Mel", era a descripção de uma noite de nupcias. Desde o modo de se despir. Da noiva e do noivo. Até ao escovar de dentes. E, mesmo, a caminhada pela noite afóra...

A leitura de ambas as novellas.

Tornaram-me mais velho. Foi ahi que Lois nos trouxe, para ver, o seu "Livro da Philosophia".

Trechos extrahidos de diversos philosophos. Com commentarios, della, escriptos em tinta de côr vermelha, logo abaixo. E, ahi, quando ella terminou a leitura dessas velharias. Com seus commentarios moços, embóra. Eu já me sentia, de novo, immensamente moço... Impossivel! Tão moderna. Tão ligeira de pensamentos. Tão agradavel, nas suas novellas...

Tão antiga. Tão vagarosa de imaginação. Tão "cacête", nos seus commentarios philosophicos...

Que creatura estupenda!

Lois Moran, na verdade, é uma pequena esplendida. E' lida e intelligente. E, além disso, é simples e despretenciosa.

Mas... Conversará ella, com seu namorado, philosophia?...

Isto não sei.

Fallará ella francez com o criado?

Tambem não sei...

O que sei, apenas, é que ella jamais amou. Mesmo aos rapazes com os quaes conversa, passeia, dansa e se diverte. Jamais mostrou interesse amoroso. Ou, mesmo, um pequenino desejo de ser beijada e acariciada...

E sei, tambem, que, ao cabo de nossa conversa. Haviamos discutido Lord Byron, religião, amor, gemeos, F. Scott Fitzgerald, Ilhas dos Mares do Sul, cabellos modernos, radios, aviação, politica, sport, flirt, novellas, petiscos, pudims e mais uma série de cousas. Que, todas ellas, têm o commentario philosophico de Lois Moran...

Foi só.

Agora mesmo, compondo isto, acabo de ver que é mesmo impossivel, com tanta bagagem literaria. Uma pequena arranjar siquer um minuto para... amar!

"The Criminal Code", da Columbia, será dirigido por Lewis Milestone. Para tanto Howard Hughes, presidente da Caddo, emprestou-o á citada fabrica.

Antes de iniciar os seus trabalhos em "Circus Parade", argumento de Jim Tully, para a sua fabrica, James Cruze dirigirá um film para a M G M. Glen Hunter é um dos novos artistas que James Cruze acaba de contractar.

E' tida como quasi certa a victoria da questão judicial travada entre Tobis-Klangfilm contra a Western Electric.

Betty Amann

BETTY
DO
CINEMA
ALLEMÃO...

DE BERLIM
PARA VOCÊ...

SE
TIVESSE
UM FILM
FALADO DE VOCÊ...
EU NÃO
ENTENDIA
COUSA ALGUMA.

RISONHA MARIONETE — (?) — Tambem fiquei muito contente com a sua cartinha. Mas muito, creia. Mas devia mandar seu retratinho. Porque não manda? Fez bem. Não danse com rapazes que falam mal do Cinema Brasileiro... Pois se voce acha bom, continue contando tudo da sua vidinha de menina que sonha. Que eu muito prazer terei em ouvil-a. Quero muito bem, sim! Escreva quando quizer. O prazer de lhe responder é maior, talvez, do que o seu de escrever... Vou mandar os beijos, beijinhos e beijócas...

DIVA — (São Paulo) — Vou *bomzinho*, sim. Elle tambem vae bem, obrigado. Podia mandar-me o album. Mas não garanto o tempo que levaria para o devolver. Porque seria necessario muita cousa para conseguir todos os autographos que quer. Pense nisso. Não fico zangadinho, não. Pergunte o que quizer. Charles Morton, M. G. M. Studios, Culver City, California. Barry Norton, Paramount Famous Lasky Studios Hollywood, California. William Boyd, Pathé Studios, Culver City, California. Mary Brian, igual ao de Barry. José Bohr, Sono-Art Productions, Hollywood, California. *The Volga Boatman*. Não conheço as cavalheiras ás quaes se refere. *Labios sem Beijos* já está terminado, sim. Elle não está de férias, não. Deixou o Cinema. Mas já sahiram tantas photos de Paulo Morano!

DOLORES E EDMUNDO EM "THE BAD ONE"...

Pergunte-me Outra...

JOHN KENT — (Rio Grande) — 1° — São. 2° — Nenhuma. 3° — Francamente, não sei. 4° — Residencia particular, não sei. Escreva para Universal Studios, Universal City. California.

JOSE' MARTINS — (Rio) — Suas considerações são exactas, quando ao "tal" film. Mas voce quer chamar de Cinema Brasileiro á um film natural de cavação, velho e mal feito?...

DOUGLAS — (?) — Billie Dove, First National Studios, Burbank, California. Sue Carol, Radio Pictures, 780, Gower Street, Hollywood, California. Clara Bow não casou porque preferiu estudar medicina com um medico muito sympathico de New York... Estão archivadas. A opportunidade é que se está aguardando. Direi, sim...

LYRIO PARTIDO — (P. Quatro) — Marion Schilling e Barry Norton, Paramount Famous Lasky Studios, Hollywood, California. Billie Dove, First National Studios, Burbank, California. O ultimo, não sei. E'. Não responde, mesmo. O pessoal da *Cinédia* vae todo bem, obrigado... Ella foi se fortalecer e mudar de ares, emquanto aguarda o inicio do proximo film.

FRASQUITA — (Porto Alegre) — Bom dia... Bem, não serei mais curioso. Entregarei sua cartinha. Escreva aos seus dois outros preferidos, aos cuidados desta redacção. Didi Viana, Tamar Moema, Gina Cavallieri, Paulo Morano e Decio Murillo, *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. As reticencias, das vocações, significam que ha muita pequena bonita e artista, por ahi, que se sente prejudicada por um ponto errado de escrupulo immerecido. Mas voce não vae vencer todos os obstaculos para chegar ao seu ideal? Elle deixará, voce ainda vae ver. Naturalmente porque sei quem elle é. E voce, Frasquita, ainda não tenho photographia sua... De facto, a sua confissão equivale a se chamar de pequena de *circo*, sim... Pois eu sou mysterioso. Nem queira saber como é bom! Não ligue á tal noticia. Ou é publicidade. Ou é *bluff*. Billie Dove continua vivinha da silva e perfeitamente cheia de saude. Volte logo, Frasquita...

NATAN VALIERI — (Bello Jardim) — O Dr. Behring entregou-me sua carta. Porque quem faz esta secção sou eu. O... Operador! Se quer as photographias de Maximo Serrano e Paulo Morano, escreva-lhes para *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Como sei que voce mandou o seu retrato á Gina, acho que é por isso mesmo que ella está demorando muito em responder... E' logico que não darei o seu recado. Que negocio de intrigas é esse? Nally Grant vae bem, obrigado... Escreva-lhe e pergunte. Como vou saber?

HOLMES FORD — (?) — O Dr. Mario Behring entregou-me sua carta. Quem responde, sr. Ford, sou eu, Operador... Não sei que é feito do cavalheiro cujo endereço solicita.

PARENTI — (Belem) — A primeira, Cinédia Studio, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. A outra, aos cuidados desta redacção. E' preciso, antes de mais nada, enviar photographias.

J. P. N. — (Cafelandia) — Mande suas photographias. E, depois, aguarde solução. Mas reside em Petropolis e lá tem familia?

GLADSTONE DEANTE — (Belem) — Recebi e entreguei ao encarregado da secção. Sahirão, opportunamente. Se *Sangue Mineiro* ainda não passou ahi, a culpa cabe ao Programma Urania, que o distribue sem organização. No emtanto, é elle bem melhor do que muitos dos films allemães que o mesmo Programma teima em distribuir... *O Preço de um Prazer* é direcção de Adhemar Gonzaga. Humberto Mauro acaba de terminar *Labios sem Beijos*. Erich Von Stroheim, presentemente, Warner Bros. Studios, 5842, Sunset Blvd., Hollywood, California. Mais ou menos peor... Elles responderão opportunamente, tenha certeza.

AMANCIO M. G. — (Rio) — Mande para esta redacção, mesmo. Depois aguarde chamada. Mande o endereço tambem. Mande um perfil e um corpo inteiro, se possivel.

C. B. OTTONI FILHO — (Rio) — *Fome* e *Piloto 13*, distribuidos pelo *Programma Alpha*, serão ambos aqui exhibidos, brevemente. *Fome*, já está programmado para dia 11 ou 18, no Cine Parizienze. *Piloto 13*, que aqui tambem está, vae ser em breve lançado. Quanto á *A's Armas!*, ainda nada se sabe. Dia 4 foi estreado em São Paulo, Cinema Odeon, Sala Azul. Os dois primeiros já foram exhibidos em São Paulo, sim. O primeiro no Cine Santa Helena e o ultimo, no Cine São Bento. Ao todo, uns 8 ou 9, ainda para este anno. Para 1931, a producção será muito maior. O *Cinédia Studio* já está prompto. A inauguração official será em breve. Naturalmente não será franqueado ao publico. Mas os bons "fans", sempre serão bem recebidos. *Labios sem Beijos*, talvez para Setembro. Já está sendo copiado e preparado para lançamento.

RAJAH — (S. Paulo) — Escreva-lhe, aos cuidados desta redacção.

VAL — (São Luiz - Maranhão) — Esse concurso de revista estrangeira, já está cacete... Mas voce collou caras erradas. Mandarei, certas, no enveloppe que remetteu junto. O Octavio está aqui e me disse que você já lhe escreveu, ha tempos. Voce em breve receberá as photos que pede. Tenha um pouco de paciencia.

VAVA' — (Rio) — Mas de quaes é que quer? Envie os nomes que enviarei os endereços.

ENRICO BORELLI — (Rio) — Ora essa! Até que tem augmentado! Leia com mais attenção, meu bom amigo... *Labios sem Beijos* está prompto. *O Preço de um Prazer*, em confecção. Em breve serão iniciados mais dois. *Dansa das Chammas*, de Humberto Mauro. E outro, ainda em estudos. Historias modernas, sempre. Não temos o endereço que solicita. Nós vamos arranjar um meio para acabar com isso...

MACUNAIMA — (Itaquéra) — Só lhe posso dar os endereços, de cinco em cinco. Aqui vão os primeiros cinco. Billie Dove, First National Studios, Burbank, California. Thelma Todd, Hal Roach Studios, Culver City, California. Doris Hill, Paramount Famous Lasky Studios, Hollywood, California. Anita Page e Joan Crawford, Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, California. Didi Viana, *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Não é preciso dinheiro. Em inglez é preferivel. Arranje uma formula. Se é leitor desde os tempos do *Para todos...*, deve, por força, ter muitas formulas nesta mesma secção. E' só ter a paciencia de procurar. A historia da morte da Billie Dove, é um boato que só tem dado trabalho e caceteação. Foi ella mesmo que cantou em *Rio Rita*, sim.

RAMONA — (Rio) — De facto, são letreiros infames! Muito bom o seu commentario. Ella viu aquillo sob olhos de leiga. E tambem procurou ser um pouquinho *snob*... Quanto a Ramon, não é exacto. Paulo Morano, *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Volte quando quizer Ramona. Gosto muito de suas cartas.

GIL DE AVARE' — (Pelotas) — Anotei suas informações e apreciei seus commentarios. Celso Montenegro, de facto, é um esplendido typo. Apreciei sua observação sobre photographia e direcção.

GLADSTONE BEANE — (Belem-Pará) — Recebi seu escripto. Foi entregue ao encarregado da secção.

De NEW YORK

Estará o moderno industrialismo a ameaçar a Arte da Musica com o mais triste golpe da sua historia? Assim interroga a The American Federation of Musicians, em nome dos seus 140.000 membros, todos musicos profissionaes.

Quando se aprecia os protestos dos musicos de outros paizes, acerca da abolição das orchestras nos Cinemas, é preciso encarar-se o que foi e o que está sendo nos Estados Unidos a grande consequencia do Cinema sonoro.

Em nenhum outro paiz conseguiu a musica no Cinema contar com dias de maior grandeza; em nenhum outro vae a musica encontrando agora tempos de tão grandes miseria. O publico americano já se habituára a ver a arte do Cinema intimamente alliada á sublime arte da Musica. No Cinema americano já se havia chegado a uma perfeição admiravel quanto á synchronização dos films pelas orchestras ou pelo orgão. Muitos eram aquelles que até julgavam o orgão o instrumento ideal para acompanhar um film. A arte do silencio de par com a melodia suave dos immensos orgãos americanos compunham uma atmosphera unica.

Illustração na presente campanha contra o Cinema sonoro nos Estados Unidos. A musica mechanica comparada com a verdadeira musica.

"Os grandes Mestres encerrados em latas!" "Será necessario servir-se assim a Musica?"

Esta é outra allegoria na campanha contra a musica mechanica nos Estados Unidos.

A MUSICA

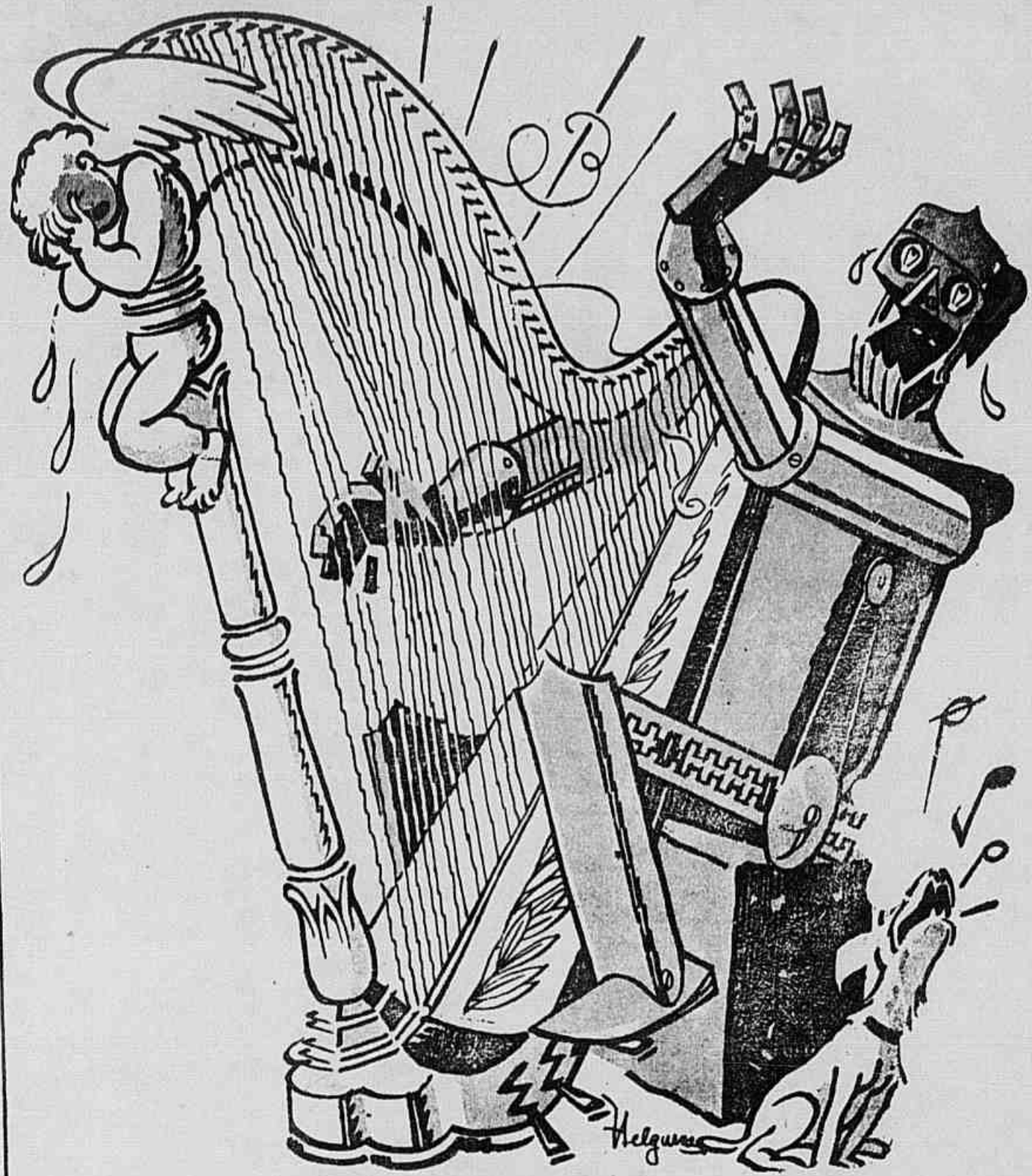
(De Marques Hill, correspondente de "Cinearte" em New York)

Assistir-se ao decorrer de um film, no conforto de boa poltrona, numa temperatura ideal, quer fosse inverno ou verão, ao som de uma harmonia sentida, dolente, ora num heroismo profundo, ora numa melacholia extrema, era bem um prazer. Sentia-se recordações vivas, e afundava-se a alma numa contemplação mystica deliciosamente inexplicavel.

Muitas casas dispunham de orgão e orchestra, esta variando conforme a classe do Cinema. Em todos, os films tinham a sua musica perfeitamente synchronizada graças aos arranjos magistralmente feitos para cada film em particular.

Tudo isto até surgirem o Vitaphone e o Movietone. Alastrou-se então o Cinema sonoro. Aos poucos foram abolidas as orchestras, conservando-se apenas os orgãos para a abertura dos espectaculos. Os grandes Cinemas naturalmente mantiveram as suas famosas orchestras. Os demais, entretanto, confiados apressadamente no exito do Cinema sonoro chegaram até a abolir os numeros de variedades. Os studios de Hollywood e de New York deveriam fornecer films de duas partes, cheios de variedades.

E assim se fez. Dispensaram-se musicos em massa, e os artistas de variedades entraram em crise. Mas o custo dos films sonoros vinha alterar completamente a programmação a que já se havia habituado o publico

"Que opportunidade terão as mães se a verdadeira Musica tiver de ser sacrificada pela musica mechanica?" Outra expressiva illustração na campanha pela imprensa americana contra o Cinema sonoro.

pleta alteração dos programmas, a reacção foi immediata. A renda das bilheterias falou mais alto que qualquer outro argumento. Foi o momento critico do Cinema sonoro. Nos arrabaldes os effeitos faziam-se sentir mais a c c e ntuadamente. Os Cinemas abriam-se quasi ás moscas e assim se fechavam. Os chefes dos grandes circuitos de Cinemas entraram a confabular nervosamente, decidindo-se a fazer todas as tentativas, até verem bem o que melhor poderia satisfazer o publico. Mas este não cedeu. E assim, só passaram a ter todo o programma sonoro aquelles Cinemas que no Rio poderiam ser classificados como "poeiras" de primeira classe. Todos os demais, reabriram seus palcos, reorganizaram suas orchestras, com menos musicos, naturalmente, e começaram a apresentar numeros de variedades.

O publico voltou. Estava debelada a crise; passado o pesadelo. Mas... os dias de grandeza da Musica viva estavam irremediavelmente contados. O Cinema, seu companheiro de tantos annos, della se divorciava para reunir-se á Musica mechanica. Em Hollywood a febre de producções novas, explorando assumptos theatraes, inundava o mercado com a synchronização da musica mechanica. Nada mais se poude fazer para salvar a arte viva da Musica da miseria negra que a esperava. Triste consequencia do progresso.

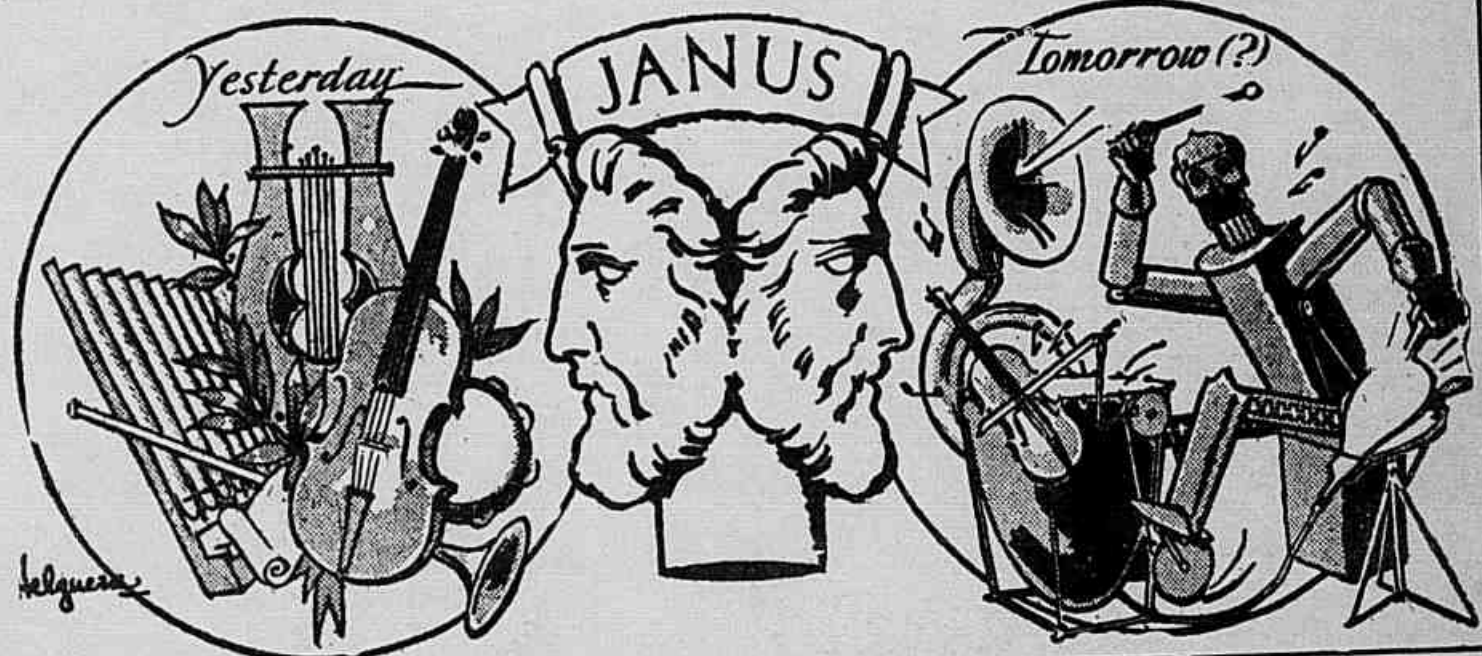
A Federation of Musicians entrou, então, a trabalhar no espirito do publico, numa ardente campanha contra a situação, valendo-se de argumentos dignos de todo o apreço.

Vejamos. "Se o Robot (o homem mechanico inventado recentemente) tocasse

(Termina no fim do numero).

"Robot" o homem mechanico inventado recentemente tem um ouvinte — um pobre cão que uiva desesperadamente. Outra illustração da campanha contra o Cinema sonoro.

do Cinema

Quanto á substituição da musica de orchestra pela do film, a reacção do publico não passou de discussões mais ou menos academicas. Mas quanto á com-

Expressivo documento da campanha contra o Cinema sonoro nos Estados Unidos. "Janus, a divindade de duas caras, que deu o seu nome a Janeiro, contempla o passado e o futuro...
Hontem, a musica viva, a linguagem de bellos sonhos! Amanhã? Que contempla Janus em 1930?
Deverá a real Musica sobreviver nos Cinemas?
Ou deverá a Musica mechanica monopolizar o espectaculo inteiro?
O publico que decida!
(Estas phrases são dos cartazes)

——oo——

"Muito agradecida a todos!" é a expressão da Musica, agradecendo os votos de solidariedade recebidos na campanha americana para o restabelecimento das orchestras nos Cinemas.

O realejo é o instrumento predominante no Cinema sonoro. segundo a illustração da campanha americana contra a musica mechanica.

Aqui está um bom

(*De L. S. MARINHO, representante de CINEARTE em Hollywood*)

Regis Toomey e L. S. Marinho, representante de CINEARTE em Hollywood.

Hollywood, continúa a mesma. Cheia de mexericos. Falando hespanhol francez, allemão. Vendo se arranja mais uma novidade que ultrapasse os "talkies"...

Muita cousa bonita, desta Cidade, já se foi por agua abaixo. Virão, ainda, outras dessillusões. Porque?... Ora...

Mas, na vida, tudo é assim. Felizmente...

Bem, vamos deixar de divagação romantica. E entremos por Hollywood a dentro. Para pegar o primeiro que apparecer e entrevistal-o, logo!

Lá vem elle!

Elle, sim. Alto. Cabellos crespos, loiros.

Que azar... Poderia ter sido, antes, uma mulher loira, bonita...

Mas era Regis Toomey. Vá lá!

Vamos conversar um pouco com elle. Foi um dos que vieram na avalanche de "talkies". Mas isto já é velho. Vamos á cousas novas.

Se bem que não traga, deste encontro com Toomey. Recordação maior do que a de outros encontros. Nem, tampouco, a bôa impressão que já tive com as "deusas" com as quaes conversei, em épocas passadas...

Mas sempre é melhor conversar-se com Regis Toomey do que com Joseph Cawthorne... Isso é que não tem a menor duvida!

Os homens não dizem muito. Falam bem menos do que as mulheres. Mas dos homens falem pouco ou muito. Quasi nada se acha para escrever. Ao passo que as mulheres... Ainda que não falem! Trazem tanta inspiração, tanta...

Com Marion Schilling, ha dias, tive momentos muito agradaveis. Falamos muito! Sobre o Brasil. Uma conversa que, com franqueza, me deixou mais Brasileiro do que nunca. No emtanto, nesse mesmo dia, no mesmo Studio. Eu conversava com Regis Toomey...

O interesse que "Cinearte" aqui está despertando, entre os artistas, é cada vez maior. Ha, mesmo, um augmento desproporcionado.

Eu, mesmo, tudo tenho feito para elevar o nome da revista aqui. Não vêm o meu novo bigodinho?...

Regis Toomey é simples. Tem um modo de conversar que logo agrada. Não tem cortezia. Nem luxo. E' simples e profundamente sincero. Não sei se elle é daquella celebre listinha da qual nos falava o O. M. Mas garanto que da minha elle sahiu, depois desta prosa. Regis ignorava que falassemos Brasileiro. Não é que fosse um bicho de sete cabeças isto, para elle. Mas confessou, francamente, que pensou que aqui se falasse hespanhol. Disse que tinha um grande amigo seu, filho do velho Mappin, da Mappin Stores, de São Paulo, que tinha vivido tres annos no Brasil e que, na Inglaterra, quando se encontraram. Contara-lhe que era um infeliz. Só porque não continuara vivendo para sempre no Brasil. Mas que esse seu amigo, um grande distrahido, com certeza, esquecera-se de lhe dizer se aqui falavam hespanhol ou russo...

Brasileiro, elle nem sabia o que era...

Toomey contou-me muitas cousas acerca desse seu amigo. Mas... Francamente! Isto interessa á alguem?... Logo... Viremos mais esta pagina do livro da caceteação...

Regis confundiu Brasil com Argentina. Cousa naturalissima, por estes lados. Acabou perguntando se Amazonas era nome de alguma marca de phosphoros... Sabia da existencia do Rio de Janeiro. Mas pensava que fosse ao sul de Buenos Aires, banhado pelas aguas do Pacifico... Pobrezinho! Tão joven...

Barry Norton, por exemplo, deixa calmamente que a publicidade o dê como nascido em Rio de Janeiro. Porque? Ora... Porque aqui se pensa, facilmente, que Rio de Janeiro é a Capital de Buenos Aires e que Buenos Aires é um arrabalde da grande cidade que se chama Argentina...

Mas não se admirem. Os yankees, todos, misturam formidavelmente duas cousas. Cocktails e geographia...

Não devemos, portanto, levar isto em conta de culpa do Regis Toomey. Era mais um...

Já perdi a esperança de ensinar isso á esta tur-

ma daqui. Francamente! Concordo, agora, com tudo que elles queiram. E, em casa, dou as minhas risadas...

Regis Toomey, foi aquelle rapaz que morreu sorrindo, em "Alibi". Lembram-se? E tem um grande interesse por esta entrevista. Deu-ma e, no dia seguinte, telephonou-me, perguntando se já fôra publicada... Depois. Quiz remediar a "gaffe" e arranjou umas desculpas só acceitaveis em comedias Hal Roach...

Mas, fóra de brincadeira, interessou-se pela historia.

Que historia?

Ora essa... Esta! Qual seria?

Em Londres, Regis trabalhou na peça *Little Nelle Kelly*.

Tem a mania de alugar bicycletas e fazer passeios interminaveis. Por campos. Villas. Cidades. Etc. (Este etc. não sei aonde é, sinceramente...)

Disse-me que, quando visitar o Brasil, irá de Rio de Janeiro á São Paulo, de bicycleta, só para conhecer o caminho...

Pobrezinho, tão joven, não?...

Depois, Toomey voltou á America. Procurou Los Angeles. Passou a trabalhar na peça "Hit the Deck", com Joe E. Brown. E, dahi para diante, ficou no Cinema. Dahi, para "Alibi", foi um pulo. Elle até hoje refere-se ao seu papel, neste film. Gostou muito delle. Porque era um papel variado e interessante. Mas acha que, até hoje, o seu maior trabalho foi em "Street of Chance".

Regis é vizinho de Lucien Littlefield. Que é muito e seu conselheiro, no Cinema.

Elle me disse, ainda, que tem melhorado de film para film. Que sempre estuda cuidadosamente seus

CAMARADA

papeis e os ensaia na presença de Littlefield. Que, como excellente artista que é. E genuinamente de Cinema. Fal-o melhorar nos seus pontos theatraes. E torna-o perfeito.

Por isso elle se sente gratissimo ao Lucien.

Depois de tudo isto, ficamos conversando, conversando, conversando. Até que já tivessemos cortado todas as casacas existentes em Hollywood.

Elle me contou segredinhos. Eu lhe contei os meus. Depois, algumas anecdotas. Muitas das quaes são versões inglezas das que em Brasileiro o Gonzaga me contou. E pul-o no chão, de tanto rir...

Afinal, acabei, mesmo, como sempre. Despedindo-me de Regis Toomey...

Foi um "good bye" longo, camarada. Elle muito se interessou por outra palestra, commigo. A qual lhe prometti.

Vocês querem outra conversa com Regis Toomey?...

Não sei.

O que sei, apenas, é que aqui, bem longe de vocês, ninguem terá forças de me alcançar com um tinteiro ou um sapato...

Nem podem apedrejar minha casa...

Até logo!

Vou ver se encontro alguma pequena de facto. Para fazer voltar o sorriso aos vossos labios emurchecidos...

Afim de facilitar o rapido desenvolvimento da cinematographia sonóra, a Ufa está transformando mais dois dos seus antigos palcos. Uma vez terminadas as obras, a grande fabrica allemã terá oito palcos para films falados e synchronisados.

卐

Em Joinville todos os Studios estão em actividade. André Hugon dirige a sua producção s o n ó r a "Tendresse". Maurice Tourneur continúa dirigindo "Un délit dans le Music Hall". Jacques de Baroncelli trabalha activamente na versão cinematographica de "L'Arlesienne", do celebre romance de Daudet.

卐

Abel Gance já terminou todos os exteriores de sua producção "La fin du monde", editada pela "Ecran D'Art". A synchronisação está sendo feita por intermedio da Gaumont Petersen Poulsen.

卐

O Departamento Cultural da Ufa, iniciou uma nova serie de pelliculas sonóras.

卐

Conchita Montenegro, conhecida artista hespanhola, foi contractada pela Pathé Nathan, para fazer alguns films. O seu primeiro film falado será "Radieux Concert".

卐

"Fledermaus" de Johan Strauss, vae ser filmada pela Majestic Film Company de Londres, toda falada, cantanda e sonóra. H. Defries e S. Harrison, directores da nova empresa productora, lançaram a somma de 75.000 libras esterlinas para a producção do film, que será tambem todo colorido e em tres versões: ingleza, allemã e franceza.

卐

Já está terminado o film "Les saltimbanques". Esta producção falada e cantada, teve cinco versões: franceza, ingleza, allemã, hespanhola e italiana. Koline e Katie von Nagy interpretaram os principaes papeis.

卐

Anna May Wong é a estrella de *Hai-Tang*, o film que Jean Kemm está dirigindo.

Astucia

(BE YOURSELF)
FILM DA UNITED ARTISTS

FANNIE BRICE . . . . Fannie Field
Robert Armstrong . . . . Jerry Moore
Harry Green . . . . Harry Field
G. Pat Collins . . . . Mc Closkey
Gertrude Astor . . . . Lillian
Marjorie Kane . . . . Lola
Rita Flynn . . . . Jessica

Director: — THORNTON FREELAND

Fannie, que divertia toda aquella gente do Club. Cantando suas estupendas canções. Interessava-se, profundamente, pela sorte de Jerry. Um boxeur sem sorte. Que bebia demais e cuidava de menos da sua saude e do seu treino pessoal.

— Jerry. Deves voltar ás lutas!

Aconselhava-o. Elle não se animava. Sentia-se abatido. Desencorajado. Sem sorte...

E continuavam ali. Cada intervallo de canção. Antes de annunciar ou de cantar um numero. Fannie ali ficava, ao seu lado. Vendo se o conseguia estimular sufficientemente.

Foi ahi que Mc Closkey os encontrou. Ha muito que elle cubiçava os carinhos de Fannie. Muito embora fosse o *queridinho* de Lillian, outra figura daquelle cabaret.

— Fannie, vem para minha mesa!

Fannie olhou-o. Nem ia dar resposta. Jerry, quasi bebado. Quiz reagir.

Fannie apenas lhe apertou a mão e lhe pediu que nada fizesse.

Mc Closkey insistiu. Quando chegou a occasião de Fannie cantar outro de seus numeros. E, assim, ali ficaram os dois homens.

— Saia daqui!

— Saia você!

— Ella está commigo, deixe-a!

— Mas eu a quero!

Ferraram uma luta. Violenta. Ali mesmo, emquanto Fannie cantava.

Em rapidos instantes, Mc Closkey arrumava seus punhos treinados, de campeão mundial, em cima dos queixos alcoolisados de Jerry. E este, pacificamente, ia dormir um pouco com os anjos...

Levaram Jerry para o camarim de Fannie. Lá, emquanto ella o reanimava, ouvia os commentarios. De collegas e collegas seus.

—Sabes, Fannie, se elle não estivesse bebado. Mc Closkey *teria* apanhado. Porque houve um instante,

mesmo, em que elle o arrumou ao chão. Foi a luz que se fez para o espirito de Fannie. Era uma idéa!

E no dia seguinte, combinava com seu irmão e com Jerry. Treinal-o-ia. Punha-o ao lado de seu quarto, num aposento vazio que ali havia. Com todos os apetrechos necessarios para seus treinos. E, assim, elle treinaria. Harry, seu irmão, poderia assumir a direcção desses treinos.

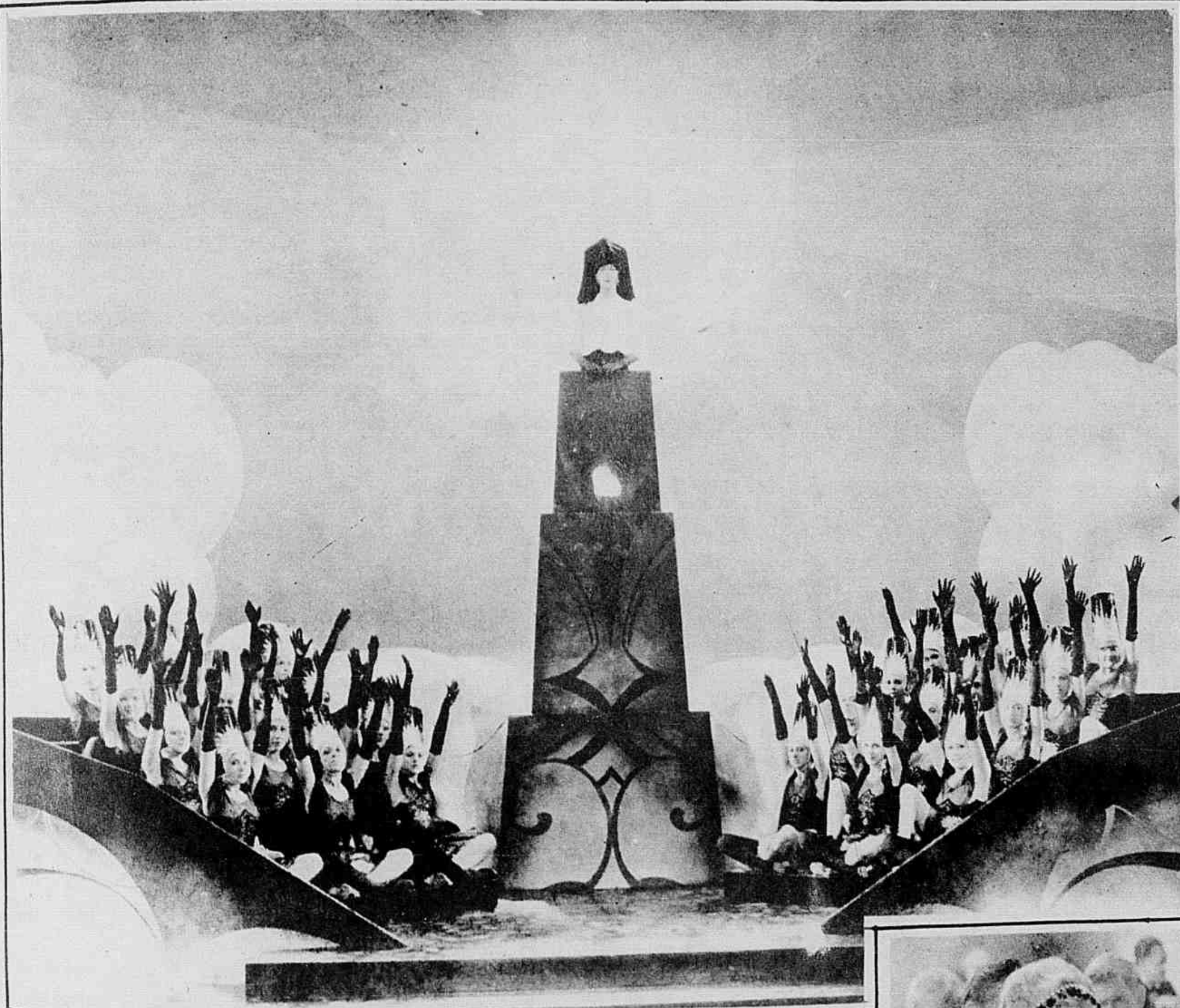
E, assim, o que se combinou, fez-se.

E emquanto Jerry iniciava seus severos treinos. Fannie sabia, por intermedio de informações de pessoas que a conheciam e que conheciam Jerry. Que elle era um dos mais manhosos entre os boxeurs. E que se presava, sempre, de ser o maior *chorão* dos *rings*. Ou atirando-se ao chão, gemendo, para fingir ter recebido um golpe prohibido. Ou entregando-se ao tablado, quando muito perseguido por um adversario mais forte.

Fannie nem esperou por outra. Procurou Jerry.

— Mocinho, venha cá!

— O que ha?

— Commigo não, ouviu? Olha que já sei de tuas manhas. Gastei bom dinheiro do meu comtigo. Não

penses agora, meu bom camarada, que te vaes fingir de machucado ou te vaes atirar ao tablado!

Jerry não reagiu. Aquillo era verdade e, assim, era melhor que elle se calasse.

Seus treinos concluidos, na opinião de Harry. Empresou-se um jogo.

Na noite do mesmo, bem ao lado do seu *corner*. Ficou Fannie. E, ao se desenvolver a luta. Ella a acompanhou com tremenda torcida.

Assim, ao cabo de poucos instantes. Dava-se justamente aquillo que ella não queria. E que fazia parte do programma de Jerry...

Vendo que seu adversario era tenaz. Elle cedeu. Depois de um *clinch*. Cahiu em *knock down* Queixando-se de um golpe prohibido.

Fannie, percebendo a manobra, rompeu com uma serie de desaforos. — Canalha!

— **Trahidor!**

— **Patife!**

— **Mal agradecido!**

— Covarde! Covarde dez vezes!

Aquelle *covarde!* dito pela mulher que o protegera. Que o tirára do vicio da bebida. Fizeram-no furioso. Ergueu-se. E segundos depois, o corpo desmaiado do seu adversario era carregado para o camarim...

Seis outros jogos elle venceu. Já regenerado, nos dois ultimos, do seu primitivo vicio. E, sempre estimulado pela coragem de Fannie.

Convertia-se em amor, aquella união aparentemente commercial. Mas mais Fannie aparentava, do que Jerry. Este, mais voluvel, já voltava seus olhos para Lillian. Companheira de Fannie, no cabaret. E amante de Mc Closkey.

Foi ahi que se bateu elle com Mc Closkey. Venceu-o, em rapidos rounds Depois de um combate que lhe foi todo favoravel.

E, embebido pela sua fama de campeão mundial. Jerry deixa-se cahir na armadilha posta aos seus pés pela argucia de Lillian.

Ao cabo de um mez. Jerry era outro. Um instituto de belleza, afinara-lhe o nariz. Era o mais completo almofadinha. Os jornaes já faziam charges. E Fannie, doida de

(Termina no fim do numero).

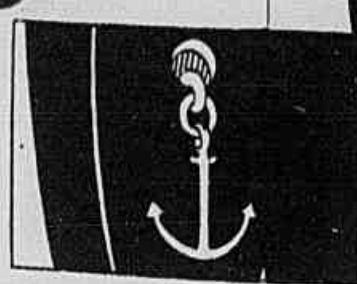
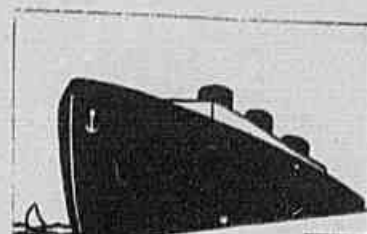
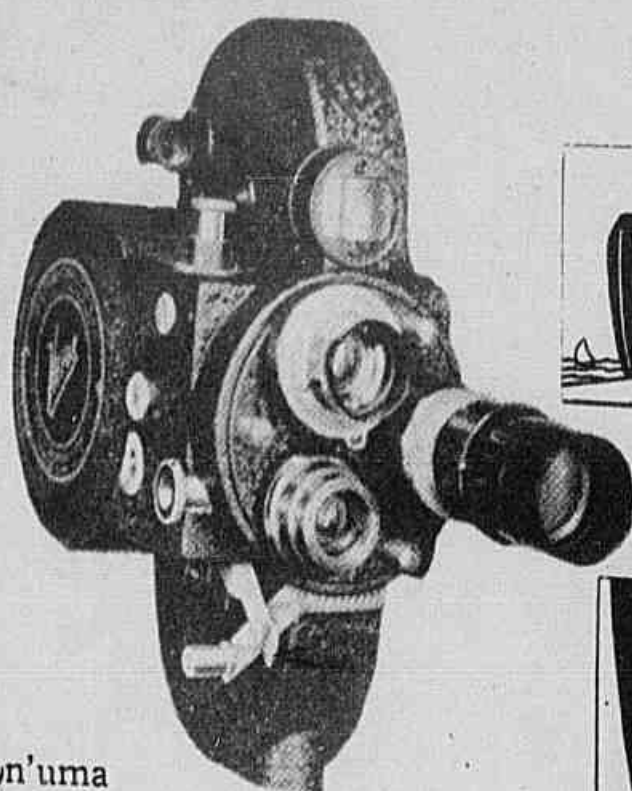
Mary Doran

ADORANDO
E... DORANDO
MARY
DORAN.

GOSTO
DE CINEMA
SO' PORQUE
TEM PEQUENAS
COMO MARY
DORAN...

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

Comparem-se as imagens obtidas com uma lente normal, uma de longo fóco, e um telephoto.

USEMOS AS TELEPHOTOS

Conta-se que uma vez, entrando n'uma casa de objectos de Optica, Photo e Cinematographia, um freguez indagou o que era, no final das contas, isso que se costumava annunciar como lentes "telephoto". O vendedor respondeu-lhe que taes lentes tornavam possivel uma imagem maior. Que era tão exacto como dois e dois serem quatro, mas que, por outro lado, era um pouco difficil de se explicar. Mas que, em todo caso, a lente "telephoto" representava, para a camara, o que o binoculo representava para os olhos do amador. E terminou o seu discurso indagando: "Quantas vezes, em um jogo de foot-ball; á beira-mar na hora de uma regata; na pista de um famoso prado de corridas, não lhe deu a vontade de poder adaptar o binoculo na frente da camara, e apanhar umas vistas nessas condições? Pois é justamente essa a funcção da lente "telephoto!"

Ha varios erros espalhados por ahi afóra, sempre a respeito das telephoto. Ellas não são, como se julga, méras lentes cujo fóco vae além do usual. Em rigor, é isso que está aqui acima, mas de uma fórma especial. A telephoto é uma lente cuja distancia focal é justamente metade da de uma lente commum de longo fóco. Assim, uma lente ordinaria de seis pollegadas requer uma distancia de seis pollegadas entre o film e o iris-diaphragma, emquanto a lente telephoto de seis pollegadas terá approximadamente tres pollegadas entre o film e o iris. Isto é de grande importancia para o possuidor da camara de 16 mm., porque o peso e o comprimento das lentes ordinarias de seis pollegadas tornal-as-hiam impraticaveis sobres as camaras de tamanho reduzido.

No caso das lentes de uma distancia focal mais curta, são as considerações de ordem pratica que decidem. A lente de duas pollegadas é sempre de construcção regular, emquanto aquellas cuja distancia focal varia entre tres e quatro pollegadas pódem ter uma construcção ou regular ou telephotica.

A utilidade das lentes telephoto não está limitada apenas á filmagem de objectos distantes. Na realidade, o seu maior valor se resume no "close-up". Outra utilidade consiste na filmagem de insectos, e outros assumptos semelhantes, á distancia de trinta ou quarenta centimetros. Isso exige, no emtanto, um meio qualquer de focalização directa sobre o film, ou qualquer substituto como um desses apparelhos de focalização reflexa, por meio de um espelho.

Ao usar-se a lente telephoto, ha uma porção de precauções que precisam ser observadas. E além de tudo é preciso apontar aqui que o uso dessas lentes apresenta não pequenas difficuldades, e exige não pequenos cuidados na filmagem, excepto quanto a esses factores que são introduzidos pela complexidade da propria lente, e essas circumstancias que acompanham os usos mais communs de taes lentes.

A experiencia tem ensinado aos amadores cuidadosos que uma vista firme e segura é raramente obtida sem o emprego de um tripé. A experiencia tambem tem demonstrado que uma firmeza mais ou menos acceitavel póde ser obtida quando a camara é segura com as mãos. Porém que, ao usar-se uma lente telephoto, qualquer minimo movimento, devido á falta de firmeza nas mãos, é augmentado na proporção da distancia focal da lente. Assim, uma lente de seis pollegadas de distancia focal terá seis vezes a falta de firmeza observada na imagem filmada com uma lente commum de uma pollegada. Ao passo que muitos amadores podem filmar á mão-livre, com resultados passaveis, empregando a lente de uma pollegada, e muitos podem fazer o mesmo com a lente de duas ou mesmo tres pollegadas, a lente de tres é usualmente acceita como o limite das distancias focaes que podem ser empregadas sem perigo nas filmagens á mão livre. Como a lente de quatro pollegadas é a mais curta de todas as lentes consideradas como de construcção telephotica, a primeira regra que precisa ser gravada aqui, sem excepção, é a seguinte: *Jamais empregue uma lente telephoto sem um tripé!*

— O visor da camara é perfeitamente correcto para os trabalhos communs, mas para os trabalhos com as lentes telephoto, especialmente as de seis a nove pollegadas, essa correcção já não é tão perfeita. Ou talvez a correcção do visor seja perfeita, mas devido ao facto de se estar acostumado a usar apenas a lente de uma pollegada, não se use a outra com mais cuidado. Estamos inclinados a collocar o assumpto dentro do campo e apertar o disparador, quando pelo contrario, deveriamos ter muito mais cuidado da locação do assumpto com uma lente telephoto do que com qualquer outra lente. O campo é pequeno e o menor movimento da camara alteral-o-ha consideravelmente. A melhor regra é conservar o assumpto sempre bem no centro do campo. Mas mesmo assim, notaremos que os nossos assumptos descambam para os angulos da téla com uma frequencia desconcertante. A nossa segunda regra deve ser portanto: *Conserve os assumptos no centro do campo!*

Mesmo tomando-se em conta o tamanho em si das lentes telephoto modernas, ellas possuem uma tensão linear apreciavel, incluindo-se o antepáro annular, o qual é tão essencial para um bom trabalho telephotico. Ora, essa extensão impõe uma falta de firmeza á camara bem como á propria montagem das objectivas, permittindo uma certa vibração, mesmo quando a camara está montada sobre um tripé. Só ha um meio de prevenir este mal, e este meio aliás poderia ser empregado com todos os trabalhos que exigissem lentes telephoto de seis pollegadas para cima. Esse meio é um supporte para as lentes. E esse supporte sustentará as lentes telephoto com tanta firmeza, como as montagens communs sustentam as lentes pequenas.

Esses supportes precisam ser firmemente atarrachados a uma base que fique entre a camara e o tripé, porque a sua funcção ficaria desapplicada, se elles fossem atarrachados na propria camara. Além disso, o supporte precisa de um ou dois meios de ajustamento, de modo que as lentes possam ser sustentadas numa posição exacta e precisamente correcta. O typo mencionado permitte esse ajustamento com o auxilio de tres parafusos de rosca que pódem ser ajustados afim de corrigir o centro das lentes. As camaras profissionaes empregam uma viga ou barra de aço para sustentar as lentes de uma distancia focal excepcional. O supporte dessas lentes para as camaras do amador consiste, porém, numa base pesada que é tambem usada para outras funcções. Duas varinhas de aço rigidas, partem dessa base e vão ter ao supporte das lentes, ou por outra, á montagem, que póde assim ser atarrachada em qualquer posição desejada. Podemos portanto ajuntar esta terceira regra, não essencial, mas de bom-aviso: *E' conveniente provêr as lentes muito compridas com um supporte auxiliar.*

As lentes telephoto são de uso mais frequente na filmagem de assumptos a uma distancia relativamente grande. Isto significa que todas as condições atmosphericas são registradas com exaggero. O peor de tudo é o nevoeiro. Como é sabido, o nevoeiro é causado pela dispersão dos raios de luz atravez de pequenas particulas em suspensão no ar. A experiencia demonstra que os raios azues são os que mais facil e rapidamente se deformam. E por isso a pratica commum das lentes telephoto, tanto nos trabalhos de photo como nos de cinematographia, ensina que taes trabalhos devem ser realizados quando se tem a camara equipada com film panchromatico, e esplendidos filtros. O trabalho telephotico, com o film ordinario, resultará numas vistas enfumaçadas, cinzentas, e muito duras.

Que filtro deve ser usado? Como a lente é mais geralmente usada no Infinito, ha pouco a ganhar em fechal-a para menos. A lente telephoto moderna, de bôa qualidade, póde ser empregada toda aberta com a certeza de se obter uma bôa definição. Por estas razões, é sempre preferivel compensar a luz muito brilhante com um filtro bem forte a fechar o iris. O filtro 4x ou mesmo um filtro vermelho bem forte farão maravilhas. Naturalmente, ao usarmos taes filtros, devemos esperar uma super-correcção, e o consequente céu escuro com o contraste muito duro. No emtanto, é mil vezes preferivel uma pellicula com um contraste duro, brilhante, a uma outra muito clara e cinzenta, devida ao excesso de nevoa. Ha uma excepção, no caso do amador que procura effeitos artisticos, mas tratando-se do commum dos casos, o que se quer é definição e brilhantismo.

E' desnecessario chamar a attenção sobre os resultados, praticamente superiores, que invariavelmente seguem o emprego do film panchromatico. A terceira regra será portanto: *Use sempre o film panchromatico com um filtro dos mais fortes possiveis.*

Agora, vejamos o problema capital nesta questão de lentes telephoto: Que exposição devemos empregar? Nos Estados Unidos costuma-se dizer muito que as exposições telephoto precisam ser abaixo do normal, devido ao caracter geral da scena, e á distancia a que se acha o assumpto. Ora, isto não tem razão de ser. Com o emprego da lente telephoto, estamos trazendo o assumpto, de uma distancia bem grande até um primeiro plano. Por esta razão, o campo da nossa camara ficará mais escuro do que o indice do calculador faz pensar. Por exemplo, um homem está de pé, em campo, com o sol pelas costas. Se fizermos

(Termina no fim do numero).

Celebridade

(CELEBRITY) — *FILM DA PATHE'*

ROBERT ARMSTRONG	*Kid Reagan*
Lina Basquette	*Jane*
Clyde Cook	*Circus*
Dot Farley	*Mamãe*
Jack Perry	*Cyclone*
Otto Lederer	*Empresario de Cyclone*
David Tearle	*Reporter.*

Director: — *TAY GARNETT*

Kid era "boxeur". Mas tambem era poeta... Como se arranjar?...

O que elle arranjava, realmente. Era uma série de "knockouts". Que já o estavam pondo sem contractos. E em completo desanimo o empresario Circus...

Não havia meios!

— Vamos, larga dessa mania!

— Não largo.

— Mas vaes nos arruinar!

— Que me importa?

— Queres passar fome?

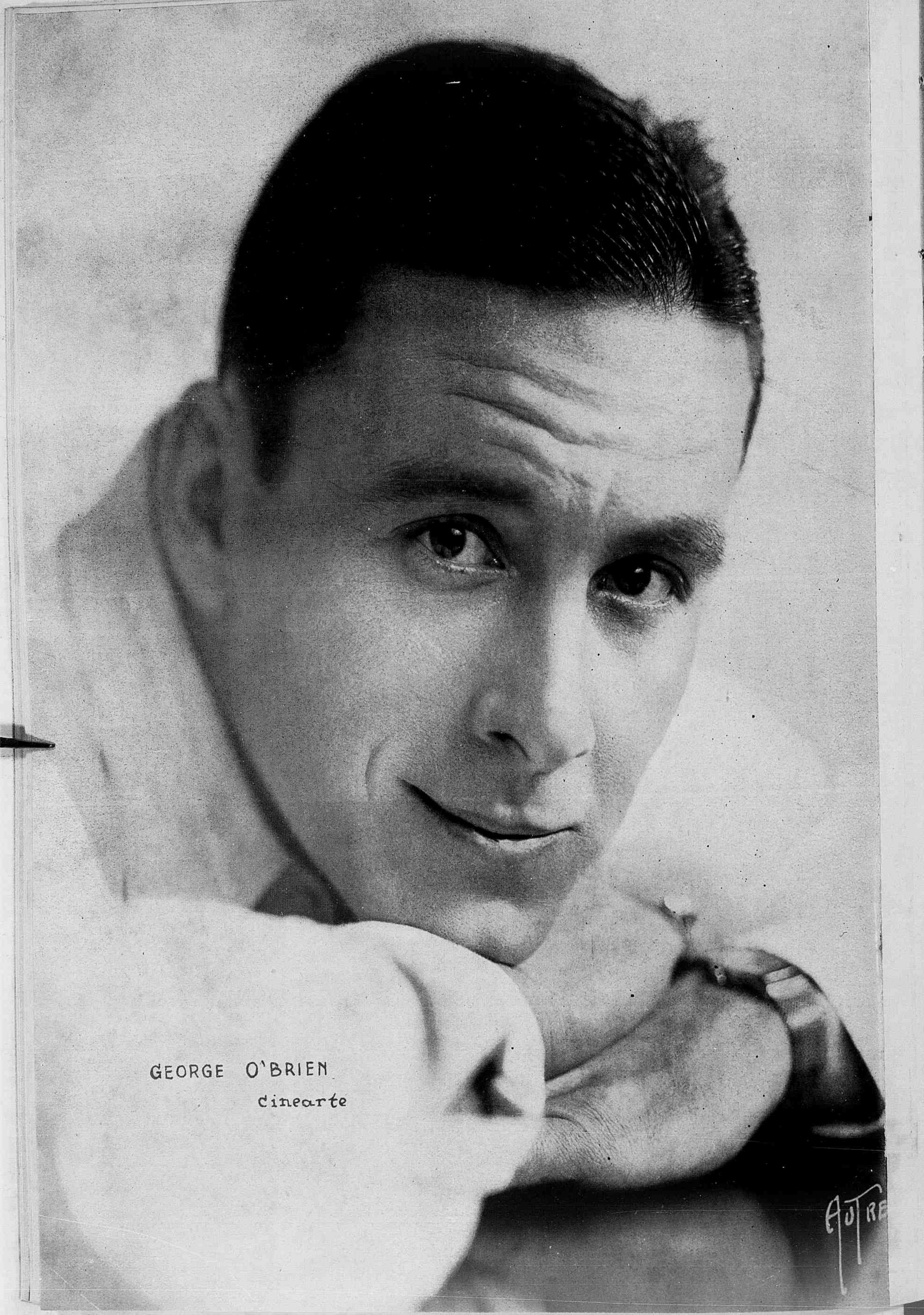
— Prefiro!

E era sempre aquillo. Havia porque havia de decorar poemas e poemas. Para recital-os ás paredes. E, tambem. Compôr outros. Peores do que os peores. De pés quebrados. E sem cabeça...

Até que, um dia, depois de mais uma derrota vergonhosa. No segundo murro. Porque, jogando, sonhava elle com rimas... Circus se resolveu a terminar com aquillo.

— Vou melhorar tua sorte!

E contou-lhe o quanto pensára. Na sua noite de insomnia. Para resolver aquelle caso apparentemente insoluvel.

Dias depois, chegava ao local aonde se achavam, Jane e sua Mãe. Ambas artistas de "vaudeville". Vinham para ser parte saliente do plano de publicidade traçado por Circus.

E, mais alguns dias, começaram a sahir nos jornaes. Feitos por um redactor expressamente contractado, tambem. Uma série de versos que levavam a assignatura de Kid Reagan. E começou o barulho. Começou e começou de facto!

Era em toda a parte. Em todos os lados. Photographias do poeta. A fama que começou a correr. Que elle era admiravel, nos versos. Que elle era um successo, como *boxeur*. Que elle era tratado carinhosamente por uma senhora virtuozissima e sua filha. Seduzidas pelo poder emotivo dos seus versos...

Ao cabo de alguns dias. Kid apaixonara-se violentamente por Jane.

— Jane, amo-te!

Ella não respondeu. Tambem sentia, por elle, uma attracção muito grande.

— Mas não me podes amar...

— E porque?

— Pertences ao teu sport! E's do publico

— Mas Jane...

Não terminou a declaração. A entrada de Circus impediu. O empresario já suspeitava disso. E, assim, não os deixava muito tempo a sós. Porque a mãe de Jane, afinal, bebendo, sempre, raras vezes sabia o que estava fazendo.

Mais dias se passaram. Circus já começava a ver a perpectiva importante de grandes luctas. A sua idéa fôra esplendida. Era intensa a curiosidade em torno da fama literaria do heróe. E todos o queriam ver no ring. Um mez já se passára. Circus achava-se em vesperas de assignar um grande e importante contracto, para a lucta de Kid com o campeão mundial do seu peso.

E, ao mesmo tempo, Jane, carinhosa, lia; supportando o riso. Os detestaveis versos que Kid lhe fizéra. Conteve-se. Notou, nelles, a sinceridade daquella alma simples. Admirou-o, mesmo, pelo seu grande esforço. E, assim, em vez de o contrariar. Dizendo-lhe que não o animava, nos versos. Davao mesmo tempo que o animava, nos versos. Dava-lhe uma estranha coragem para a tomar nos braços.

— Jane... Poço-te! Dize que me amas.

— Kid...

— O que é que temes?

— Amo-te!

Beijaram-se. Longamente. Ella era, mesmo, a sua maior animação.

E foi ahi que se deu o grande e sensacional acontecimento.

O campeão mundial, Cyclone. Notando a grande fama poetica e literaria de Kid. Quiz dar-lhe a

(*Termina no fim do numero*)

LUPE VELEZ

Cinearte

GEORGE O'BRIEN
cinearte

PERNAS! O PUBLICO QUER VER PERNAS BONITAS. NÃO PRECISA MAIS UMA HISTORIA, NEM UMA NARRAÇÃO MAIS BONITA. LUZES! LUXO! ESPLENDOR! ALEGRIA!... CINEMA, COMO VOCÊ ESTA' MUDADO!...

HAVIA AS "EXTRAS", AS FIGURANTES. AGORA, COM O CINEMA FALADO, EXISTEM AS CORISTAS DE HOLLYWOOD. CORISTAS. EMFIM, MAIS HISTORIA E ROMANCE DERRAMADO EM HOLLYWOOD.

Jéca de

Os films de Buster Keaton, não têm historia. Isto é. Têm. Elle é um estudante. Ou é um "cameraman" inexperiente. Ou é um arara de porta de theatro.

Mas o miolo dessas historias. São as piadas que enchem o film todo. "Jéca de Hollywood", é uma comedia de Buster Keaton. A primeira na qual elle fala. E' a versão ingleza de "Free and Easy", que tinha Anita Page, Robert Montgomery e Trixie Friganza, nos papeis acima.

Mas a direcção continuou a mesma. As mesmas são as piadas.

Assim, não é justo tirar o sabor de inedito que ellas sempre têm, nos seus films. Narrar a historia minuciosamente, seria matar o prazer de ver. Assim, aqui vae o resumo de tudo. Apenas para dizer quem é o que faz e porque ama.

Para depois, sabendo isto, melhor comprehenderem as piadas do film.

A Camara do Commercio de Gopher City, escolhera Elvira. Menina bonita da localidade. Para ser "Miss Gopher City".

Como consequencia disso, havia uma visita a Hollywood. A pedido de um jornal qualquer. Que instituira tal concurso.

E, para accompanhal-a, é escalado Elmer. Um empregado de garage, da localidade, que se vae para Hollywood. Ladeando "Miss Gopher City". Aliás Elvira...

A intenção de Elmer, é encaminhal-a no Cinema. A Mãe de Elvira os accompanha.

Ainda que não querendo perceber, Elmer acaba percebendo, mesmo, que já amava a pequena. E, assim, é por isso que mais se interessa em a tornar uma estrella.

No trem, encontram-se com um astro da téla. Que regressava de New York. Aonde fôra descansar alguns dias. E este, rapidamente, promette a Elvira uma opportunidade nos films.

Em Hollywood, assim que lá chegam, a promessa se cumpre, mais ou menos. Elvira ganha um papel de extra. Numa scena de multidão. E Elmer, outra, para guiar um automovel.

Elvira não quer continuar. Acha que aquillo a fére, profundamente, no seu intimo modesto e simples.

Mas sua Mãe insistiu e ella é forçada a continuar.

Elmer, dias depois, numa *première*, ganha fama, como sendo um novo comico do Cinema. Taes são os desastres que elle faz, ao entrar no Cinema.

Aquillo, para a mãe de Elvira; é um insulto. E, assim, ainda que Elmer queira impedir. Ella e Elvira, retiram-se.

No dia seguinte, chamado para guiar o carro de um astro. Reconhece, nelle, o rapaz do trem. Acceita fazel-o. E, com espanto, verifica que é Elvira que elle vae conduzir no passeio.

Durante o mesmo, ouve rumor de lucta, no interior do carro. Volta-se e verifica que, de facto, esse está tentando beijar Elvira.

Sem mais pensar em nada, salta. Apanha o galã pela golla do paletot e lucta com elle, ferozmente. Derrota-o. E, para os olhos de Elvira, nasce, finalmente, como sendo o homem que ella amava, verdadeiramente.

Aquella sua noite, na *première*, chamou a attenção de um director de comedias. Que, no dia segunte, o mandou chamar. Contractou-o e fel-o represen-

HOLLYWOOD

(ESTRELLADOS)

FILM DA M G M

BUSTER KEATON . . . . *Elmer*
Rachel Torres . . . . *Elvira*
Don Alvorado . . . . *Larry*
Maria Calvo . . . . *Mamãe*

Director: — EDWARD SEDGWICK

tar. Para fazer as pazes. Elle conseguiu que se désse o papel de sogra á Mãe de Elvira...

O seu successo é phenomenal.

Mas, atraz delle, estava-lhe reservada uma profunda tristeza...

E' que Elvira, afinal, comprehendeu as intenções do grande astro. Elle queria era se casar com ella. Era desconfiança sua, aquillo!

E, quando Elmer regressava de uma scena, Reputada a melhor do seu film. Com a mãe de Elvira. Que tambem se revelava um successo.

Elvira dá-lhe a noticia.

— Elmer.

Elle a olha. Pensa que vae receber a noticia melhor dos seus dias...

— Eu resolvi declarar á você, finalmente...

Elle se commove. Acha que é demais, para elle.

— Mas Elvira...

— Não! Deves ouvir. Eu me vou casar.

— Casar?...

— Sim. Larry quer que seja sua esposa. Aquillo, do automovel, nada mais foi do que phantasia. Eu reconheço que o amo e que a carreira Cinematographica não me interessa. Não achas que faço bem, casando-me?...

Elmer não respondeu. Apenas acariciou Elvira. Ligeiramente, como a desejar-lhe as melhores venturas. Depois apertou a mão de Larry. E viu a mãe de Elvira que se derretia de satisfacção...

Era hora.

Deviam entrar em scena, novamente. E elle, apesar de tudo. E da noticia que tanto o ferira. Entra e consegue fazer a sua melhor scena comica...

Maurice Tourneur foi para Cadiz, onde prepara seu proximo film "Maison de danse", do romance de Paul Reboux. Gaby Morlay e Charles Vanel, são os principaes.

卍

Gina Manés e Paul Gabrio estão trabalhando sob a direcção de Marco de Gastyne, nos Studios de Joinville, o film "Une belle garce", do romance de Charles-Henry Hirsch.

卍

Roger Lion começou "Les Noces de Jeannette", nos Studios Gaumont; extrahido da opera-comica de Jules Barbier e Michel Carré. A musica de V. Massé, será totalmente conservada.

卍

Finis Fox, irmão de Edwin Carewe, que está escrevendo a adaptação da versão falada de "Resurreição", que o mesmo Carewe vae fazer de novo, para a Universal, esta vez, declarou o seguinte, sobre o seu trabalho: — "Estou tentando escrever a adaptação de *Resurreição*, para a versão falada que Edwin Carewe vae fazer, na maior perfeição de technica possivel. Empregarei a musica e o dialogo, somente nos logares que os mesmos auxiliem a augmentar os valores dramaticos das situações da historia. Estou mantendo, para este trabalho, todo o valor do film silencioso que ha annos fizemos. Isto é. Belleza pictoriza. A pantomima em maior grão. Montagens. Effeitos de luz. E composição photographica. Apenas entrando dialogos, em vez de titulos falados. A musica, tambem, apenas em situações possiveis e auxiliando a contar a historia".

Já se vê que elles proprios já reconhecem, felizmente, que o verdadeiro Cinema era o silencioso. E, assim, já estarão procurando voltar ás bôas, fazendo o que ha muito já devia ter sido feito. Apenas substituindo os letreiros pelos dialogos. Assim, sim!

A Tela em Revista

PALACIO - THEATRO

REDEMPÇÃO — (Redemption) — Film da M. G. M. — Producção de 1929.

John Gilbert foi o maior nome do Cinema. O artista que mais dinheiro dava á M. G. M. O elemento imprescindivel aos bons programmas. O homem que, ao lado de Greta Garbo. E longe della. Foi o Danilo de um *Viuva Alegre*. O James, de *Big Parade*. O Rodolfo, de *La Bohême*. E, tambem, o Leo Von Harten, de *A Carne e o Diabo*... Mas veio o som. Veio a fala. Transformou-se o Cinema. Fez-se barulho. Poz-se a *camera* debaixo de um montão de aluminio. Arrumou-se o microphone em todo canto de Studio. Tirando a belleza. Para por um bocejo interminavel a sahir dos bastidores de um theatro ao som de um *blue*...

E de tudo se esqueceram os que *entendem*. Afastaram de si a cadeia de successos sem conta que foram os films de Gilbert. Nem mais se lembraram do quanto o publico o estimava. Nem mais o puzeram ao lado de Greta Garbo...

Exigiram que elle tambem se puzesse deante de um microphone. E que falasse.

Falou. Foi para *Redempção*. Mas o film foi archivado. Houve zum zums. O que seria? O que não seria?

Depois o grande Lionel Barrymore, director do formidavel *Madame X*. Foi considerado para salvar John Gilbert. Veio *His Glorious Night*.

Mas ninguem se lembrava do seu primeiro "test" de voz, ao lado de Norma Shearer, em *Hollywood Revue*... E ninguem mais queria saber da especie de artista que elle era. Lembravam-se apenas da voz...

His Glorious Night foi um tremendo fracasso. John Gilbert passou a "treinar" sua garganta. A frequentar os gabinetes dos maiores especialistas de Hollywood. Emquanto se preparava para *Ways of a Sailor*. E aguardava o final lançamento de *Redempção*.

Agora, pretendo voltar, com *Ways of a Sailor*. Desesperado. Luta elle pela sua ultima opportunidade de continuar diante dos bons olhos dos productores.

E emquanto isto, vemos *Redempção*...

A semana passada, vimos um "trailer" de *Redempção*. Todo falado. A voz de Gilbert, de facto, é metalica. E' desagradavel. Não tem a inflexão microphonica de Conrad Nagel. Nem o suspirado terno de um John Boles. Mas é uma voz. Fala, como as outras. Sente, como as outras. E' expressiva, embora desagradavel. Não é possivel ter uma voz desagradavel? Colleen Moore já não cantou? Lenore Ulric tambem? Kenneth Mac Kenna, porque tem bôa voz, justifica ser o artista sem arte que é?... E Charles Bickford?... A voz de Gilbert, podia ser horrivel. Mal perceptivel. Mas só elle, silencioso, olhando, com aquelles seus olhos de fogo e paixão. De *sex. eit*. Valeriam todo um palavrorio inutil de um "talkie"! Isso ninguem contestará.

E depois do "trailer", todo falado. Vimos, finalmente, *Redempção*, todo *mudo*.

Posto de lado todo partidarismo da nossa grande admiração pelo esplendido artista que John Gilbert é. Dizemos, de coração, que é um bom film. Fred Niblo soube, da technica agora usada. Tirar uma melhor. Que muito e muito aformozeou o seu trabalho. Encheu-o de vivacidade. Pol-o andando. Estudando angulos. Offerecendo scenas rapidas e de puro Cinema. Não se dedicou a technica do "talkie" vulgar. Elevou-o. Fel-o melhor.

O resultado, é o film. Com o mesmo John Gilbert. Roubando o film todinho para elle. Approveitando-se da ausencia de Greta Garbo para reduzir a atomos os seus collegas de elenco, todos... O enredo é conhecido. Romance de Tolstoi. Com scenario de Dorothy Farnum.

Mas é sempre novo, no trabalho de Gilbert. Melhor do que ninguem, elle é o Ivan viciado. Bohemio. Covarde moral. Debochado. Ainda que humano e profundamente bom. Porque, afinal, na vida, John Gilbert tem sido, mesmo, algumas vezes. O Ivan de *Redempção*... Soffrendo a companhia de Renée Adorée, estaria elle esquecido do seu verdadeiro amor? Da sua Lisa? E, na vida,, casando-se com Ina Claire. Terá elle esquecido uns braços compridos. Um sorriso de gelo. Um olhar de fogo. E um nome que o mundo todo ouve com veneração: Greta Garbo?...

Assim, elle mais vive do que representa. E' mesmo, o typo do artista que os de "theatro" acham que não presta... Porque não age. Vive. Não se torce. Expõe, no rosto, toda a angustia da sua alma. Tem mais expressão do que gesticulação. Mas num primeiro plano. Cheio de belleza photographica. Será elle, apesar de tudo, um artista inferior? Não falam á alma, todos os seus soffrimentos? Aquella scena do espelho, com Renée Adorée, não é um trecho que commove e que arrebata? A sua covardia, ante o suicidio. O seu sacrificio. Tudo isso não é mais do que o necessario para ninguem siquer se lembrar da sua voz?

Redempção não é seu melhor film. Mas é um dos bons. Tem um argumento bastante humano. Tem um final, que é a propria vida. Tirando-se a scena do tribunal, que tem uma dóse um pouco carregada de *hokum*. Mesmo na sua caracterização. O resto é perfeitamente bom.

Como versão *muda*, é esplendida. Tem Cinema, tem direcção e tem, na photographia de Percy Hilburn, um dos seus grandes encantos.

Depois de Gilbert, a melhor figura do elenco é Renée Adorée. Eleanor Boardman, Conrad Nagel e os demais do elenco, bons.

Cotação: — 8 pontos.

Como complemento, exhibiu-se O JOGADOR DE GOLF, versão hespanhola de uma das comedias de Charlie Chase. Com alguns bons "gags" e outros tantos trechos monotonos. Os cavalheiros hespanhoes que apparecem, compromettem seriamente o film. Máos artistas e todos de um exaggero... hespanhol, mesmo...

ODEON

SEDENTO DE AMOR — (South Sea Rose) — Film da FOX — Producção de 1929.

Quando o film começa, ha uns apanhados dos Mares do Sul. E seus habitantes. Que se tem a impressão de se ir assistir á um novo *Deus Branco* ou um novo *O Pagão*. Depois, entra Lenore Ulric. Entra um illogico convento. Um assumpto bastante falso. Um capitão Briggs que é o typo do heroe posto num film só para atrapalhar. E, ainda, de um caracter incomprehensivel e impossivel num homem. Ha alguma comedia. Principalmente na casa da irmã de Bickford. Nos trechos em que Lenore dansa o Hula, escandalizando a todos. E mais algumas *bolas* a cargo de Tom Patricola. Fóra disso, um assumpto ôco, todo elle. Soffrivelmente dirigido por Allan Dwan e esplendidamente photographado por Harold Rosson. Lenore, celebre artista de palco. E que, ha uns bons 12 annos já vimos em alguns films da Paramount, como heroina, tem o, principal papel. Tem bastante vivacidade e faz com exaggero medido um papel de francezinha sapéca. Aquelle convento é que é positivamente posto no film, apenas para Lenore falar francez com uma das irmãs e allemão com outra...

Charles Bickford é um desses galãs que assustam as criancinhas ingenuas que tiverem a má idéa de olharem para um de seus retratos... Kenneth Mac Kenna é um villão galã. Isto é. Nem é galã e nem villão. Tem o bigodinho, apenas...

O Cinema falado tem cousas engraçadissimas. E, além disso, não contentes em debochar os francezes, apresentando Paris de todo modo. Menos o real. Os inglezes. Com suas indefectiveis cartolas e seus infaliveis monoculos. Eternamente dando ratas, as peores. E todos os outros. Até mesmo os mexicanos. Dos quaes por alguns tempos se esqueceram... E não contentes com isso. Até nos costumes barbaros daquelles ingenuos nativos dos mares do Sul vão elles influir... E' exaggero, não é?... Serve. Ao menos não tem um bastidor que seja. E nem tem bailado. Nem sapateado. Apenas do "blue" não nos pudemos livrar...

Cotação: — 5 pontos.

Como complemento, uma archaica comedia Serrador, com a dupla Al Cooke — Kit Guard. A graça é toda subentendida. O que eleva o film de valor, já que o subentendimento é um recurso muito empregado para agradar os "fans"... Approveitem e conversem com a pequena, emquanto elles se divertem, lá na téla... Grant Withers, hoje galã da First National e da Warner Bros. apparece... Houve, tambem, a exhibição de um film sobre a Exposição Internacional de Barcelona. Tambem do Programma Serrador. Isto prova que o assumpto de *cavação*, até na Hespanha dá resultado... Um dos films que mais se *expõem* aos commentarios desfavoraveis do publico...

IMPERIO

PAIXÃO DE TODOS — (Show Girl in Hollywood) — Film da First National — Producção de 1930.

Depois de *Alvorada do Amor*, com franqueza, o primeiro "talkie" de merito que vimos, foi este. Um film interessante. Interessantissimo, mesmo. Apanhando detalhes da vida de uma pequena de New York, fascinada por Hollywood. E suas aventuras nesta, finalmente.

Mervyn Le Roy, o mais moço dos directores. Que tem, a seu credito, films mediocres. E alguns melhorzinhos. Dirigiu este. Com raro senso artistico. E com tamanha habilidade. Que a todos convence tratar-se de um film fóra do vulgar.

De facto. E' um film original. Novo, sob muitos aspectos. Na historia, na adaptação, na photographia e na direcção, mesmo. Explora, no principio, o ambiente theatral. Mas já apresenta as ultimas phrases de um autor desilludido, explicando que sua peça fracassou. Depois, vem, num cabaret, o convite para ir a Hollywood. Feito á promettida do autor, por um director de films. Um Frank Buelow, antipathico e prosador. E, finalmente, Hollywood. Seu cortejo de desillusões. A figura impressionante, mesmo, de Blanche Sweet. A personificar uma ex-grande artista em terrivel decadencia. E, tambem, aspectos novos. Como sejam. Maneiras de se fazer um film fallado. Modo intelligente de apresentar alguns quadros de revistas, em technicolor, e, ainda, algumas canções. E, finalmente, o fim. Mas tambem intelligente. Apresentando uma grande noite de estréa em Hollywood. Com artistas de vulto falando ao microphone. E mais cousas que fazem, sem favôr, o regalo de quem assistir este trabalho.

O scenario, de Harvey Thew, é a coope-

ração mais intelligente que poderia ter a historia de J. P. Mc Evoy. E Mervyn Le Roy, intelligentemente apresentou tudo isso. Devidamente dosado. Devidamente pesado. Devidamente temperado.

A canção "Hollywood", que Blanche Sweet canta, é magnifica, E é cantada num momento opportunissimo. Justificado. Accompanhado muito de longe pela orchestra, apenas perceptivel.

Para nós, o film é de Blanche Sweet. As poucas scenas em que ella figura. Isto é. A parte que lhe coube. E' representada com todo aquelle cunho distincto e soberbo que sempre caracterizou os seus desempenhos. Como é immenso e admiravel aquelle quadro da lagrima. Pela sua photographia e pela sua direcção! Quando ella, antes de tentar se suicidar. Desce aquella escadaria Immensamente só. Immensamente triste... Seus soffrimentos, depois de se envenenar, são genuinamente Cinematographicos. Não têm nada das contorções pavorosas de um "grande artista..." Esta turma de Cinema, agora, tem dado palmadas e mais palmadas na turma da Broadway... Blanche Sweet, genuinamente de Cinema, tem um papel que nem a maior da Broadway faria melhor! E que sobriedade! Que distição! Mesmo a sua canção. Como está bem cantada. Na melodia e na dicção! O seu papel vale o film.

Alice White, tambem vae muito bem. Tem um papel, que é seu proprio temperamento. E' logico que tem que sossobrar ao lado de uma Blanche Sweet. Mas, no seu papel, tambem está muito bem e agrada plenamente.

Jack Mulhall, continua, sem favôr, um galã bem sympathico. O seu desempenho é bom e correcto.

John Miljean, esplendido. Outrosim, Ford Sterling.

Ha detalhes e symbolos. Que farão o extase dos que apreciam Cinema. E' um desses raros "talkies" que andam, vibram e sentem. Como se fossem films silenciosos... Mervyn Le Roy, continuando assim, ainda fará muito. E tem uma grande vantagem. Tem Cinema, scenas longas, silenciosas...

Cotação: — 8 pontos.

Como complemento, um *short* Vitaphone, apresentando mais uma vez a orchestra typica Mexicana, Tajado. Regular.

CAPITOLIO

SALLY — (Sally) — First National — Producção de 1930.

Versão falada de um dos successos do Ziegfield Follies, de New York. Colleen Moore, aliás, ha annos já filmou este mesmo assumpto, com Alfred E. Green na direcção.

Agora, em versão falada, tem um aspecto totalmente theatral. E, assim, deve ser assistido como theatro e não como Cinema.

Como theatro, é uma revista interessantissima. Cheia de bailados muito bem ensaiados. Repleta de piadas gozadissimas. Como aquellas das ostras e a do beijo, com T. Roy Barnes e Joe Brown. E muitas outras semelhantes. Inclusive a dos balõezinhos de gaz, com Jack Duffy e o mesmo Joe Brown. E, ainda, de musica agradavel. E algumas canções apreciaveis, cantadas por Marilyn Miller, bem. E por Alexander Gray, soffrivelmente.

Como Cinema, é nullo. Mas, é logico, ninguem irá assistir *Sally* com a preoccupação de ver um film. E, sim, com a vontade de assistir uma esplendida revista photographada.

O colorido, ás vezes bom, noutras não agrada. Mas é milhões de vezes superior a *Paris*. E merece ser visto, mesmo. Porque tem uma espectaculosidade rara e apresenta numeros realmente interessantes. Como o bailado de Marilyn Miller e Joe Brown, sozinhos no Cabaret. O seu bailado de estréa, no dia seguinte. E o bailado russo, na casa de Madame Tenbrock. E, ainda, a graça toda theatral mas nem por isso menos engraçada de Joe Brown. Ha trocadilhos e piadas em quantidade. E ha umas *gaffes* gozadissimas na festa da tal Mrs. Tenbrock. O assumpto ridicularisa os principes russos que acabam garçons de cabarets. Tendo, por chefes, antigos subditos. John Francis Dillon nada de novo apresentou, na direcção. Mas cuidou bem do film e soube-o fazer agradavel á vista, aos ouvidos. Nada fazendo pela alma, pelo acanhado theatral do assumpto.

Apesar de ser um film perfeitamente acceitavel e agradavel, dentro da epocha. Continua, para Cinema, assim como folhetins para bons livros...

Marilyn Miller, bonita e viva, agrada aos olhos e aos ouvidos. E' pena que seja um pouco magra de mais. Alexander Gray, apenas no Cinema por causa da voz. Joe Brown, a melhor figura do film. T. Roy Barnes, Ford Sterling, Jack Duffy e Pert Kelton, fornecendo comedia. E Nora Lane enfeitando algumas scenas com sua belleza esplendida.

Cotação: — 7 pontos.

Como complemento, um *short* da Warner Bros., com Beniamino Gigli, celebre tenor, cantando algumas cançonetas. Em hespanhol, inglez, francez e italiano. Mal maquillado. E photographado num ambiente muito sem gosto. Foi motivo de bôas gargalhadas. Muito embora seja um soberbo cantor. Não deixa, por isso, de ser uma grande ameaça para o Cinema de verdade. Que ainda o é capaz de ver como galã de algum film...

PARISIENSE

MADEMOISELLE FIFI — (Footlights and Fools) — First National. — Producção de 1929.

Agora é que comprehendo o divorcio de Colleen Moore! E' o pobre do John Mc Cormick, em casa, era obrigado a ouvir Colleen cantar, falar, dansar, brincar. Mas nos Cinemas, ao menos. Via-a, apenas. Não a ouvia. Veio o "talkie". Exigiram os productores que Colleen tambem falasse. Tambem cantasse. O pobre John, passou, dahi para diante, a não ter mais socego nem nos Cinemas... Resolveu divorciar-se, é logico! Bem pensou, melhor fez. Agora está socegadinho da silva...

William A. Seiter, já fez bons films. Com Colleen, mesmo, já fez um que era magnifico. Tinha scenario de Benjamin Glazer. Tinha Edmund Lowe, como galã. E era Cinema puro, silencioso. Depois, tambem foi obrigado a fazer *talkies*. Deu, mesmo, uma entrevista. Dizendo que o Cinema falado era tudo. O resto, quasi nada... E fez *Mademoiselle Fifi*... Sinceramente, se aquillo que Colleen faz é cantar. Nós tambem cantamos. E melhor, é o que garantimos...

O film... Ora, o film... E' uma revista! Todo technicolor. Nas scenas da revista. Todo *mudo*. Apenas falando quando Colleen canta. Trechos que deveriam ter sido tambem *emudecidos*...

Não tem Cinema. Tem uma successão de primeiros planos. Com outra tanta de letreiros. Nem sempre bons, diga-se.

Os seus galãs, são Frederic March, um pouco melhor. E Raymond Hackett, visivelmente da Broadway...

Não podemos recommendar o film. Nem mesmo uma canção que seja. Mas garantimos que foi por isso que a First não quiz mais renovar o contracto desta artistazinha. Que foi tão interessante, tão viva e bonitinha, mesmo, quando silenciosa. E, agora, falada, é... Bem, não vale a pena repisar. Bôa tarde!

Cotação: — 5 pontos.

Este film reinaugurou o *Pariziense*. Que é um Cinema moderno. De construcção rapida. E que, internamente, é muito photogenico. O unico defeito é o de quasi todos. Ser demasiadamente pequeno. De resto, esplendido. Está-se nelle, com todo conforto. Os apparelhos Pacent, que possue a sua cabine têm um som demasiadamente metalico. Mas, afinal, servem.

AMOR SYLVESTRE — (The Great Divide) — First National — Producção de 1929.

Alice Terry, Conway Tearle, Wallace Beery e George Cooper. Sob a direcção deste mesmo Reginald Barker desta versão falada. Já fizeram este film para a M. G. M. Agora, com Dorothy Mackaill, Ian Keith, Ben Hendricks Jr. e Lucian Littlefield, nos volta de novo. Mas em versão *muda*.

Se não é desses films que aborrecem, completamente. Tambem não é dos que agradam, totalmente. Está entre um e outro termos. E' logico, sem duvida, que a versão silenciosa foi melhor. Porque tinha mais acção. Menos theatralidade. E não tinha tanto dialogo e bailados hespanhoes para enfeitar... nem necessidade de orchestras mexicanas e

Mas, apesar disso. E de ser mais uma historia da pequena de narizinho arrebitado que tem que curvar a cabeça ás ordens do *mais forte*. Tem algum agrado. Talvez pela presença da estupenda Dorothy Mackaill. Cada vez mais bonita e mais cheia de "it". Talvez por não ser tão parado, sem acção. O facto e que faz passar a hora da sua exhibição. Equilibrando heroicamente o primeiro bocejo ...

Vejam. Mas se estiverem dispostos e com nada de mais importante a fazer.

Cotação: — 5 pontos.

MINHA MÃE — (Mammy) — Film da Warner Bros. — Producção de 1930.

Não é melhor do que *Diz Isso Cantando*. Nem peor. E' mais um film de Al Jolson.

Tem as canções de successos. Tem as situações patheticas. Tem o *hokum*. Tem o inverosimil.

Mas, ao lado de tudo isso, alguma cousa de valor. Inclusive elle, Al. Que, se é detestavelmente feio. E um *tanto* máo artista. Tambem é um esplendido cantor e um sujeito sympathico.

Aliás, este film mais sympathico o torna.

Ha a classica situação do tiro de polvora. Que é trocado por balas. Para vingança do villão e para ser a situação capital do argumento.

Ha numeros de theatro. Coloridos. (Em Technicolor, tambem...) E um tenue fiozinho de romance. Tão tenue, que, se o quizermos analysar, rompe-se logo á primeira phrase.

Lois Moran, francamente, não se sabe porque é que veio parar no elenco deste film. Nada tem a fazer. Nem tem tempo para amar... Lowell Sherman, sim, apresenta um trabalho sympathico e sincero. Mitchell Lewis é o villão.

Hobart Bosworth, tambem apparece.

Um film que diverte e agrada. As canções são de Irving Berlin. Louise Dresses é uma das bôas *Mammys* do Cinema. Não nega esta affirmação neste film. Quando comprarem a entrada, não pensem num film. Pensem numa revista. Com a bôa voz de Al Jolson. E um elenco razoavel. Apenas. E, principalmente, nas imitações de operas que Al Jolson faz estupendamente! Com os versos do *Yes! We have no Bananas*... Todo falado, com alguns letreiros.

Cotação: — 6 pontos.

Como complemento, uma comedia de Arthur Lake e Buddy Messinger, excellente dispositivo para bocejos e aborrecimento. E um desenho com o celebre *Mickey Mouse*. Que vale a entrada.

Cinema de Amadores

(F I M)

uma exposição plena, nessas condições, o homem sahirá sem definição. D'ahi, teremos que diminuir a exposição, afim de augmentar o poder de definição. Mas se empregarmos uma lente telephoto, como o homem occupará todo o campo da objectiva, já não haverá falta de definição, pelo contrario, a exposição terá que ser plena, afim de não diminuir essa definição.

Ha porém outro ponto a considerar. A absorpção da luz por parte das lentes communs é desprezivel, porém como essa absorpção augmenta com a propria espessura das lentes, ella se torna um ponto importante nas lentes de longo fóco. Além disso, a reflexão é mais importante nessas lentes do que nas de outro qualquer typo. Por todas essas razões, precisamos sempre augmentar a exposição.

Ao passo que as lentes telephoto darão resultados satisfactorios com as exposições indicadas pelo medidor das exposições, não haverá inconveniente algum em augmental-as um pouco. Logo, *a exposição em telephotographia deverá ser plena!*

A acquisição de uma lente telephoto representa mais do que uma simples compra. Ella marca o inicio de uma transformação geral nos costumes do amador. Aquella lente será, por certo, a primeira de um serie dellas. O amador terminará dispondo de uma bateria de lentes, algumas das quaes serão usadas sómente para filmagens excepcionaes. Ha uma fascinação, um encanto para o amador, só no facto de se possuir uma collecção de lentes. Isso não póde ser negado. O preço porém não é brinquedo. Para o amador, quatro ou seis lentes já serão bastantes, incluindo-se mesmo uma telephoto, uma longo fóco, uma normal, uma de angulo aberto, e outra de angulo reduzido.

Quanto á questão sobre as lentes preferiveis, isto é um problema que não póde ser discutido aqui. Cada qual tem as suas preferencias. Referimo-nos ás marcas dos fabricantes, os quaes quasi sempre são allemães ou americanos. Muitas lentes offerecidas por casas photographicas de reputação apresentam qualidades de real valor. Umas vêm em caixas, outras sem estojo. A abertura varia entre F 6,3 F 4,5 e F 3

As aberturas maiores são de maior vantagem para as exposições, pelos factos que explicámos acima, concluindo-se portanto, disso tudo, uma norma por onde se guiar o comprador. Muitos amadores possuem uma inclinação para este ou aquelle fabricante, mas isso não quer dizer que as novas lentes devam ser da mesma marca que as que vieram com a camara.

A primeira lente a ser empregada deve ser a de tres ou quatro pollegadas de distancia focal. Qualquer uma dellas dará uma bella ampliação, sem o cuidado requerido pelas de seis pollegadas, e podendo ser usada na camara sem tripé, como foi dito acima. A segunda lente extra deverá ser, por certo, a de seis pollegadas. Ahi então, o enthusiasmo obrigará o amador a comprar a de nove pollegadas.

O emprego das lentes telephoto interessa por força ao amador porque facilita immenso a tomada de "long-shots" e "close-ups" do mesmo logar. Para a producção de films de enredo de amadores, a lente telephoto simplifica muito a tomada de "close-ups" no meio de scenas em que seria pouco pratico trazer a camara para mais perto.

Na filmagem de "close-ups" de creanças, a telephoto presta tambem um grande auxilio, porque as creanças ficam ás vezes "com vergonha" da camara, quando esta aponta a objectiva para muito perto do rosto dellas. Com uma telephoto de bôa amplificação, o filmador de creanças póde dispôr a sua camara a uma distancia mais afastada, e obter o mesmo "shots".

Recommendamos ao amador uma telephoto de qualquer marca, com quatro ou seis pollegadas de distancia focal. Experimentem-na num prado de corridas, num campo de football, e vejam depois como os prazeres proporcionados pelo Cinema de Amadores se elevam ao quadrado e mesmo ao cubo!...

Nota addicional — a pollegada ingleza equivale a 255 decimillimetros. Por uma velha questão de habito, talvez introduzida por George Eastman, ficou a velha medida ingleza para a definição das distancias focaes.

Astucia feminina

(F I M)

ciumes. Via que elle mais se interessava por Lillian. De que por ella. Que, afinal, tudo fizéra para o tornar campeão...

Ciumenta, vingativa, Fannie planeja, com Harry, uma nova luta para Jerry e Mc Closkey.

— Mas Fannie, Jerry perderá! Mc Closkey continua treinando e Jerry não. Elle se tem descuidado...

— Por isso mesmo! Empresa-a, por minha conta!

E chega o dia da luta. Fannie, desta vez, posta-se ao lado de Mc Closckey. E, quando sôa o "gong". Jerry inicia uma serie violenta de murros que põem Mc Closkey completamente tonto.

A derrota de Mc Closkey é evidente. Mas Fannie, de repente, grita-lhe.

— Esmaga-lhe o nariz! o nariz! Elle o tem como ponto fraco!

Mc Closkey não reluta. Dirige-se furiosamente contra o formoso nariz de Jerry.

E, emquanto Jerry o proteje, com a guarda das duas mãos. Mc Closkey o enfraquece, com murros no estomago...

Ao cabo de alguns segundos, Jerry não resiste mais. Abre a guarda, um instante. E, fulminante, attinge-o um murro seguro de Mc Closkey.

Elle vae ao tablado. Conta-se mais de 9. Elle continua no tablado.

Deixára novamente de ser campeão mundial...

Minutos depois, ainda no seu roupão de lutador. Invade o camarim de Fannie.

— Sua grandessissima...

— Jerry!

— Porque é que me trahiste?...

— Jerry...

— Não te approximes! Vil canalha! Então era o nariz o meu ponto fraco, não?...

Approximou-se della. A sua intenção era castigal-a. E ia fazel-o, quando Mc Closkey arrumou a porta para o lado e entrou, rapidamente.

— Meu Jerry... E's um ordinario!

— O que ha?...

E Jerry fervia.

— Ha que vaes deixar Lillian... Ou eu...

— Não a deixarei!

— Então vamos continuar essa massagem no nariz, meu amiguinho...

E atirou-lhe um murro. Jerry foi longe. Lá, não pensou em reagir. Era demais! Acovardou-se. Era o seu eterno instincto fraco que o derrotava...

Já Mc Closkey se voltava. Para sahir. Quando Fannie gritou a Jerry.

— Vamos, Jerry!!! Vamos!!! Não te mostres covarde! Mostra-lhe que com nariz fino ou nariz chato és o mesmo, meu bem! Vamos, seu grande covarde!!!

Jerry ergueu-se. Alcançou Mc Closkey. Foram murros que nem é bom lembrar...

O caso é que os reporters, segundo depois, photographavam Mc Closkey, o campeão mundial. Completamente desmaiado, ao lado de Jerry, o derrotado...

A porta se fechou.

E' do outro lado, se alguem prestasse attenção... com os ouvidos.

Eram estalos e mais estalos. De beijos e mais beijos...

Celebridade

(F I M)

chance de lhe tirar o titulo. E, assim, annunciou-se, com grande estrondo. A proxima luta.

E, nas vesperas da mesma, Jane, animada, esperava apenas que a mesma terminasse, para, depois, tornar-se a esposa delle.

Circus, porém, notando-lhe esta disposição, procurou Jane.

— Deves abandonal-o!

— E porque?

— Porque será a desgraça delle.

— Mas eu o amo.

— Bem por isso é que te peço que o abandones!

Jane ainda relutou. Vieram-lhe, depois, em disparada. Aluviões de reflexões.

Concordou com Circus.

E, rapida, decidiu-se.

—O—

No dia immediato, emquanto o publico, impaciente, esperava pela entrada dos lutadores para o "ring". Jane entregava, a sua Mãe. Para que lhe fosse entregue. Depois da luta. Na qual elle seria derrotado, ella bem o sabia. Um bilhetinho. Contendo a explicação exacta do porque della o abandonar.

Mas a mãe de Jane, bebada, sempre. Não fez o que lhe mandavam. Approximou-se de Kid. Justamente quando elle se sentava no seu canto, para iniciar a luta.

— Kid!

E entregou-lhe o bilhetinho.

Kid leu.

Desesperou-se. Chamou Circus.

— Não posso sahir, um instante?

— Que idéa! Estás maluco? Já vae começar.

E, de facto, segundos depois soava o *gong*.

Kid, maluco. Cheio de dôr. Já sentia que Jane se afastava delle e não havia mais tempo de alcançar. Ancioso, não sabia mais o que fazer. Nem se preoccupava com a luta. Preoccupava-se com Jane. Apenas ella!

— Jane!

Murmurou para si. E, quando soou o *gong*. Elle despertou. Viu, claramente, que o unico meio de poder falar com Jane e não a deixar fugir. Era dar todo seu esforço para liquidar, de uma só vez, aquelle homem.

E, assim, atirou-se ao seu adversario com furiosa violencia.

Cyclone, não esperando isso. Mas teve geito de sustentar o primeiro *round*. O publico, maluco de impressão. Festejava Kid com todo seu fervor. Mas este nada via. Custou-lhe muito se conter no seu *corner*, todo o curto intervallo. Certo de que podia ainda alcançar Jane. Quando soou de novo o *gong*. Rapido atirou-se ao adversario.

Um directo.

Um *uppercut*.

Um *jab*.

Depois mais um violentissimo *uppercut* d e direita e o corpo inanimado de Cyclone foi atirado ao tablado.

Assim que houve o annuncio da sua victoria. Antes que o quizessem applaudir. Elle saltou por cima de tudo. E se atirou para o camarim.

Lá, Circus apenas teve tempo de se encostar á parede.

— Canalha! Vamos, aonde está Jane?

Circus quiz falar. Teve medo que Kid repetisse, com elle, a façanha de ha pouco, com Cyclone...

— Assistindo o jogo, Kid!

— Mentira!

— Juro! Eu a vi, lá.

Kid sahiu, rapido. Nem as luvas ainda descalçara. Correu ao *stadium*.

Só estava nelle uma pessoa.

Rapido, Kid alcançou-a.

Era Jane...

— Meu bem, que luta fizeste!

— Temia que fugisses e nunca mais eu te visse...

— Bem que o quiz. Mas meu coração não o permittiu...

Beijaram-se de novo.

E de novo.

E de novo...

Depois foram juntinhos para o camarim. Para Kid se apromptar e, depois, procurarem um padre que os casasse...

NOITE DE IDYLLIO

(FIM)

Ella nem respondeu. A humildade daquelle homem. A sua falta de vida. Eram um contraste flagrante com a vivacidade e o ardor de Alberto. Num impeto. Sempre impulsiva. Gritou a Haller.

— Se assim pensa, doutor, pode se considerar despedido! Nada mais tenho a lhe dizer!

E sahiu. Haller, abatido, retirou-se. E Alexandra, foi cahir aos pés de Frei Benedicto, seu tio. Contando-lhe tudo. Pedindo-lhe conforto e alma para a alma agitada. Os conselhos apenas amenisaram um pouco seu coração...

—o—

No dia seguinte, as cousas peoraram. Alberto a procurou. Mostrou-lhe um telegramma de seu pae. E a Princeza Maria, sua mãe, recebia outro, identico.

— Volte. Preciso casal-o com a Princeza Maria de Hoghenbergen. Questões politicas.

Alexandra, quando leu aquillo, não soube bem a attitude que devia tomar. Ficou indecisa. Olhando o além. Como se sentisse que alguma cousa de tragico na sua vida occorrera

Retirou-se, sem nada dizer a Alberto. Todos se sentiam violentamente aborrecidos com aquillo. Apenas Frei Benedicto, paciente e sorridente. Ouvia e via. Aquillo tudo. Com perfeita calma e com grande socego de espirito...

A' noite. Alberto de novo invadiu a alcova de Alexandra.

— Saia!

— Porque?

— Já agora não ha mais nada que o recommende!

Alberto approximou-se. Quando ella se sentiu envolvida pelos seus braços. E sentiu, sobre os seus, os labios delle. E' que comprehendeu o quanto já o amava. Agora sabia que era amor, aquillo que pensou ser odio e repulsa, a principio, Alberto era vivo. Tinha mocidade. Inspirava romance. Tudo, nos seus carinhos, transpirava meiguice. E Haller... Nem quiz comparar. Apenas murmurou.

— Mas... E a Princeza?

— Sim. Alexandra, é a despedida! Eu preciso ir. Serei um principe sem throno. Serei um infeliz. Eu te amo, Alexandra. Como jamais pensei que te pudesse amar! Mas é tarde...

Afastou-se della. Já arrastava seus passos para sahir. Quando Alexandra, sempre impetuosa. Agarrou-o.

— Alberto! Ouça! Você não vae!

Elle a olhou, extactico. O que se teria operado naquella creatura? Achou-a lindissima! Seus olhos tinham um fulgor estranho. Sua belleza era sublime.

Abraçaram-se, expontaneamente. Beijaram se, longamente.

— Alberto! Eu te amo! Profundamente! Sabes... Não te deves casar com ella. E' Princeza. Vaes perder um throno. Mas, se quizesses, na America do Sul, por exemplo, poderias ser tão feliz... E eu, Alberto, gosto tanto da America do Sul...

Olharam-se. Alberto relutou. Depois, sem que ella percebesse, riu. Depois tornou a se fazer sério.

— Mas Alexandra...

— Não me amas?... Não me tiveste em teus braços? Não disseste que sentiste o amor, nos beijos que te dei?... Alberto! Quero que me tenhas para a vida toda!

Tornaram a se beijar. Tudo ali respirava amor. Eram idyllios que brincavam em cada canto. Depois, devagarinho, preparam-se. Saltaram pela mesma sacada. Puzeram um cunho de romance. Um cunho de belleza. Em todas aquellas situações exploradas e conhecidas. Mas que eram sempre novas e bonitas. Para os principes e para as princezas, mesmo...

Fugiram.

Mamãe Beatriz e Frei Benedicto.

Apenas encontraram um bilhete.

— Fugimos para a America do Sul. Alberto desistiu da Princeza. Porque me ama e porque eu o amo mais do que minha vida. Alexandra.

Beatriz pensou enlouquecer.

— Mas o Rei se vingará! Minha filha! Que maluquinha! E agora? O que me aconselhas? O que?

Frei Benedicto, calmo, paciente. Sentou-se. Depois, sorrindo, perguntou á sua irmã.

— Mas, Beatriz... Com franqueza! Já ouviste alguma vez falar em Maria de Hoghenbergen?... Conhecesses alguem que se chame assim?...

Ella pensou.

Depois desfez as rugas.

Sorriu, finalmente.

— Era um plano de Alberto?...

— Pois não percebeste, logo?... Queria assim, provar se ella o amava...

Abraçaram-se, felizes.

Mas tambem felizes e mais abraçados, ainda, Alberto e Alexandra. Trocavam juras e beijos. Ternuras e abraços. Carinhos e meiguices. Por todo aquelle caminho de sonho que os ia levar ao altar.

DE NEW YORK

A Musica do Cinema

(FIM)

harpa, todos o ouviriam com immensa curiosidade mas bem poucos esperariam delle qualquer expressão de arte. Todavia, poderosos interesses cinematographicos pretendem agora impôr ao publico a Musica Mechanica como uma forma superior de Arte. A synchronização do som com o film tem impressionado a muitos como um grande avanço no Cinema, porque tornou possivel o film dialogado. Mas aproveitando-se desta circumstancia querem impôr a musica synchronizada mechanicamente como a verdadeira Musica. Ora, por mais perfeita que seja a reproducção da Musica mechanica, sempre ha de faltar o contacto espiritual entre executante e ouvinte. Os Estados Unidos acham-se hoje á frente no mundo musical. As nossas grandes orchestras symphonicas superam as da Europa. A maioria dos nossos musicos é de americanos natos, e todos os membros da Federation of Musicians são pelo menos americanos naturalizados. O publico nos Estados Unidos paga mais generosamente por qualquer diversão do que qualquer outro publico do mundo. Por que, pois, não dar-lhe o que ha de melhor?"

E mais ainda: "O Cinema falado é uma nova forma dramatica; o Radio transmitte a musica directamente e *de facto* reflecte a alma do artista; o Phonographo no lar, leva a musica mechanica onde não é possivel outra. Nada disto discutimos. Discutimos apenas a substituição da verdadeira Musica no Cinema pela Musica mechanica. A eliminação de artistas em carne e osso nos Cinemas significa uma possivel futura corrupção da apreciação publica pela boa Musica, e isto seria uma calamidade para a cultura humana. A Machina tem feitos maravilhas á Humanidade. Mas a Machina não é artista. O grande proposito da Machina é poupar ao genero humano o peso do trabalho arduo, mas nunca o de fazer aquillo que só póde ser bem feito pela mão e com a alma de um ser humano."

A campanha continua intensa, e a Liga da Defesa Musical já conta com a participação de 1.785.229 cidadãos para o effeito de se bater pelo restabelecimento das orchestras e orgãos nos Cinemas.

A situação é lamentavel, sobretudo porque, na realidade, não tem remedio. O que é um mal para o publico americano das grandes cidades é um bem para o publico das cidades pequenas, assim como para muitos e muitos paizes onde a musica no Cinema nunca foi tratada convenientemente.

Não ha duvida que alguma coisa ha de se fazer para contentar a gregos e troyanos, mas em escala insignificante. Os musicos que em massa foram dispensados, nunca mais poderão voltar em massa ás suas antigas orchestras. Os Cinemas que puderem manter orchestras, tomarão a iniciativa de corresponder aos desejos do publico, conforme já se tem observado. Mas, no conjunto, a Musica no Cinema ha de continuar a ser a que ora já se iniciou. E' possivel que mais cedo ou mais tarde se aperfeiçõe a sua gravação e reproducção a um ponto inteiramente satisfactorio, que não deixe mais logar aos protestos dos amantes da bôa musica. Emquanto isso, paciencia. A Musica ha de se ver arrastada em latas, interpretada bem nos studios e reproduzida mal nos Cinemas, por este mundo afóra, a chorar amargamente em seus dias de tão negra miseria.

De Washington espalhou-se a noticia de que o Ministerio da Guerra pretendia adoptar caminhões apparelhados para servir de "banda de musica" nas unidades militares onde houvesse deficiencia de musicos. Noutros paizes uma tal medida seria medida de economia; nos Estados Unidos é medida de progresso. Seja como fôr, John Phillip Souza, o veterano maestro faz bandas marciaes americanas, já se fez ouvir no seu protesto. "Não, diz elle, não acredito que haje qualquer inspiração em marchar atraz de uma machina musical. Não creio que a musica mechanica possa produzir na tropa o mesmo effeito de marcialidade conseguido pela musica individual."

E dess'arte, mais uma autoridade musical se manifesta neste doloroso transe para a Musica, para os musicos e para os amantes da bôa Musica.

AMOR AUDAZ

(FIM)

de experiencia. E, assim, desistia, *heroicamente*, em pról do rapaz americano, tão bomzinho...

Quando todos se achavam entretidos. Num momento em que não via Courtenay na sala. Lucy esgueirou-se pelos corredores e, sem ser presentida ou siquer percebida, entrou para a bibliotheca. E'ra lá que se achava o cofre secreto. E lá, tambem, as joias de Madame Corbett.

Tacteando, approximou-se do local aonde sabia estarem as joias.

Avizinhou-se. Mais, mais e mais. Quando atingia o cofre, sentiu uns punhos fortes de homem que a seguravam. Não gritou, porque, logo em seguida, sentiu, sobre sua bocca, uma outra mão que a prendia.

Depois, fez-se luz.

Olhou. Recuou, aterrada.

— Tu!?...

E'ra Courtenay. Tinha o collar nas mãos. E, na outra, a lanterna.

Apagou-se a luz. Courtenay approximou-se della.

— E' inutil continuar! Lucy, eu sou gatuno internacional!

(Termina no fim do numero)

Augusta Guimarães no Cinema

(F I M)

No theatro, o seu genero predilecto é a comedia de situações delicadas. "Amigo da Paz", foi uma das peças que ella citou com mais carinho. Apreciou immensamente o seu papel, nesta. Porque, diz ella, além de estar encarnando o papel que Appolonia Pinto creára. Ainda tinha, dentro delle, margem para expandir melhor os seus sentimentos artisticos.

Agora, tendo figurado no seu primeiro film. Revela-se enthusiasmadissima. Aprecia immensamente o Cinema. Diz ella que prefere o theatro, por emquanto, porque lhe dá melhores contractos... Mas que, proximamente, quando conseguir viver perfeitamente bem, dentro de um contracto Cinematographico. Preferirá. Porque acha que trabalhar para theatro, é exhaustivo. Que é repetir e repetir. Vezes e vezes o seu papel. E' exgotar a saúde. E' trabalhar com afinco, sem descanço algum. E Cinema, pela experiencia que teve, em "Labios sem Beijos", acha outra cousa. Scenas ensaiadas com carinho. Apenas representadas uma vez, porém. E que, assim, sem longos dialogos. Sem trabalho enorme. Acha mais facil o trabalho. E, ainda, outras as opportunidades do artista. Que, socegado, póde dar o melhor do seu sentimento e da sua bôa vontade ao papel que está vivendo. Acha, mesmo, que esta sua primeira opportunidade, diante de uma objectiva. E' uma das cousas que mais a alegraram, até hoje. E pretende, se para tanto outras opportunidades tiver, continuar, no Cinema. Se bem que pequenino. Seu papel é importante e interessante. Será ella uma figura que todos gravarão nas retinas. E que bons momentos de riso ha de proporcionar á platéa.

Sobre Cinema Brasileiro, teve palavras de um enthusiasmo raro. Admira o esforço dos que se acham empenhados na lucta. E, para seu successo, diz ella, tudo fará. Dará, mesmo, o melhor da sua bôa vontade e será um esteio. Como o foi para "Labios sem Beijos". Cujo interesse sem duvida augmentou. Com a sua entrada para o elenco.

Do pessoal que com ella trabalhou, Augusta Guimarães acha o seguinte.

— Lelita Rosa é uma das mais interessantes figuras que já tenho visto. No theatro, não a vi. Mas no Cinema. Vivendo o seu papel. Achei-a simplesmente esplendida. Natural. Expontanea. Perfeita e completa artista. Depois, de uma delicadeza immensa e captivante. E' a minha predilecta artista do Cinema Brasileiro. Desde que a vi em "Barro Humano". Didi Viana, achei outra menina esplendida e muito distincta. Completa artista de Cinema! Pela sua photogenia. Pelo seu desembaraço. Tanto mais notavel. Quanto mais se levar em conta que jamais teve traquejo de palco ou, mesmo, de outros films. Paulo Morano, achei uma figura magnifica de galã. Justamente o typo de galãs que prefiro, no Cinema. Forte. Sympathico. Profundamente humano no seu desempenho. E tambem apreciei muito Alfredo Rosario. O meu parceiro de risadas, neste film... E' um velhinho cheio de vida e expontaneamente engraçado. Depois, é artista e sabe interpretar o que lhe confiam.

Augusta Guimarães, além disso, é uma figura forçosamente agradavel ao Cinema Brasileiro. Porque, quando lhe perguntamos o que pensava do Cinema Brasileiro e se tinha assistido algum film. Ella, de prompto, citou todos os já feitos e exhibidos. Não os perde. Achando-se tambem presente o director Humberto. Mauro. Commentou, com elle, "Braza Dormida", um dos seus films. E, disse, mesmo, que do film o artista que mais apreciou foi Maximo Serrano. Sobre Cinema falado, ella teve as seguintes palavras:

— Não o aprecio. Porque será um prejuizo para o theatro. E outro para o Cinema. E' o typo da diversão inventada para estragar as duas já existentes...

— Máo theatro e peor Cinema, não é?

Accrescentamos.

— Isso mesmo! Exactamente!

Terminou ella.

Depois, conversamos ou pouco sobre Cinema americano do norte.

— Aprecio Lon Chaney e John Barrymore. E Joan Crawford, para mim, é a mulher mais sympathica e estupenda do Cinema. Assisti innumeros films. Aquelle que não esqueci, nunca mais, foi "Alta Trahição". Além do trabalho de Jannings e Lewis Stone. Era um grande film!

Depois desta phrase, sinceramente, comprehendemos que se tratava, realmente, de uma ardorosa "fan" de Cinema.

Palavras adiante, encaminhamo-nos pela vereda da curiosidade. Iamos fazer as classicas perguntas. Mas não foi preciso. A cada resposta sua, convenciamo-nos, claramente, de que se tratava de uma figura fina e culta.

A primeira cousa que lhe perguntamos, foi sobre o que de maldade lhe fizéra Cupido.

— Amor?... Existe, sim... E' um completo enigma, no emtanto... Se se ama, soffre-se. Se não se ama... Soffre-se tambem... Eu, além disso, não detesto os homens. Absolutamente! Se são máos, ás vezes, é porque soffreram o pouco caso de alguma que não os soube comprehender... Mas quando os sabemos conduzir, pela estrada da vida... Ah! São verdadeiros cordeirinhos de bondade...

— Então gosta da vida?

— Muitissimo! Já me tem reservado traiçoeiras armadilhas. Mas eu dellas me tenho esquivado. Amo-a! A vida é uma arte. Os que sabem representar, portanto. Os que têm pratica... Vivem melhor os seus papeis...

— Aprecia a musica?

— Aprecio. Apenas a popular. O verdadeiro reflexo da alma do povo. Sinhô, é o meu compositor predilecto. Eu tenho profunda paixão pelos sambas e pelas toadas brasileiras!

Conversou-se muita cousa. Depois, a conversa cahiu sobre casamento.

— Eu acho que uma artista se deve casar, sim! E com alguem que nada tenha com o palco. Que apenas vá apanhar sua esposa, ao fim do espectaculo e que a accompanhe para a porta do theatro, na horá do ensaio. Apenas. Mas um homem que trabalhe e que não queira ser apenas o "empresario" de sua esposa... Acho possivel a felicidade matrimonial para uma artista. Porque, creio, não é possivel que uma artista deixe de ser honesta para com seu esposo, sempre, sómente porque é artista e vive para divertir o publico. A decencia, creio, não escolhe logar. Vive, aonde gente decente vive. Seja em que logar fôr. Não poderá, assim, viver no coração dos artistas, tambem? Eu acho, justamente, que o artista tem, na vida, a carreira mais bonita de todas... Vive divertindo o publico. Vive, trazendo para o publico. Para os cansados e para os afflictos. Esquecimento e sonho. Phantasia e romance. Por que menospresar assim o artista? Neste Cinema Brasileiro, então. Do qual agora tambem faço parte. Com o meu pequenino quinhão, embora, achei maravilhas. Principalmente a comprehensão profunda de moralidade que todos os seus elementos têm. E o profundo respeito que devotam aos seus collegas e á todas as suas companheiras de luctas. Isto é enthusiasmador e sinto-me contente em o dizer.

O tempo máo impedia que se tirassem algumas novas poses. Alguma cousa daquella casa pequenina e bem arranjadinha. Toda enfeitada com o bom gosto de Augusta Guimarães. Toda cheia de conforto e simplicidade. Mas ainda lhe sobrou tempo para nos dizer que tem duas distracções favoritas. Nas suas poucas horas de descanço.

— Cinema e Excursões. Interessante. Vivo representando. E, no emtanto, sempre do que mais gosto é entrar para um Cinema e assistir um bom film... Só para ver, talvez, que existem outros artistas, tambem...

Depois, terminamos a prosa. Ainda conversamos alguma cousa, com Augusta Guimarães. Tinhamos pena, realmente, de deixar a sua esplendida companhia. E o seu encantador tratamento. Mas fazia-se necessario que nos fossemos. E, assim, ao nos despedirmos, ainda ouvi a sua ultima phrase.

— Não se esqueça de lembrar que apreciei muito o meu director, Humberto Mauro. Que é excellente como director e esplendido como humorista! E, ainda, que eu tanto desejo a estima do meu novo publico, de Cinema, quanto preso a do meu publico de theatro.

Foi só.

Palavra que até agora. Escrevendo estas linhas. Sentimos saudade de nos precisarmos tornar a escrever outra.

No caminho do céu

(Conclusão do numero passado)

— Não vaes!

— Vou!

— Não!

— Vamos! Achas-me com cara de covarde?

— Não. Mas eu não te quero perder!

— Não me perderás! Eu saberei me defender...

Subiram.

Houve a valsa, durante os saltos de amostra. Depois, aquella musica tambem conhecida, quando fizeram diversas malabarices. E, afinal, quando a multidão toda se poz emccionada. E, principalmente, lá em baixo, os artistas que sabiam que Nick descobrira que Greta amava Ned. Afastou-se a rêde protectora. E o tambor começou a roncar, soturno.

Todos se voltavam para o forro do circo. A emoção era intensa. Um grande pavôr illuminava o rosto amarello dos collegas de Ned.

Elle saltou. De um trapezio para o outro. Lá, agradeceu. Depois, emquanto Nick passava breu, nos dedos. E emquanto o publico applaudia e elle apertava os punhos. Greta contemplava Nick.

Viu-o sorrir. Viu-o ter um lampejo sinistro. Mas nada mais poude dizer. Era tarde.

O trapezio já se balançava, para o salto mortal...

Um... Dois... Tres...

Pulou!!!

Girou no espaço, deu uma reviravolta mortal. Depois cahiu para o lado de Nick. Este, tirou as mãos. Mas Ned, esperando isso. Num esforço sobrehumano. Deu mais meia volta com o corpo e prendeu-se pelos pés ao trapezio.

Lá em baixo, frenetica, a multidão applaudia. Greta, nem sabia o que dizer. Quasi desmaiara. Nick, pallido, contemplava medonhamente cheio de odio o rival que vencêra aquella situação invencivel...

Tudo serenado, depois do espectaculo, Nick entrou pelo camarim de Ned a dentro.

— Ned, meu bom amigo, quanto lhe devo?

— Pelo contracto?

Os companheiros, pelo lado de fóra, reuniam-se. Sabiam que aquillo ia dar em droga...

Greta approximou-se, afflicta. Não podendo entrar, poz-se a ouvir, assustadissima.

— 2.500 dollares.

— Aqui os tem.

Entregou-lhe um cheque.

— E por que isso?

Nick olhou-o. Mal se contendo.

— Para que você deixe já este circo. E saia daqui para sempre!

Ned guardou o cheque, calmamente. Depois voltou-se para Nick.

— Está bem.

Nick sorriu, victorioso.

— Mas... Meu bom Nick... Só sahirei, depois de lhe haver partido a cara!

Nick voltou-se. Ned já não tinha mais paletot. E, num lance, atirou-se a elle.

A lucta foi feroz.

Murros. Pancadas. Ponta pés e sopapos. Toda uma selvageria unica!

E, afinal, depois de alguns minutos, Nick sem sentidos, Ned apanhava o que era seu e, abraçando Greta, dizia-lhe.

— Bem, minha querida. Aqui temos o sufficiente para começarmos a vida. Vens commigo?

Ella concordou.

Sahiram.

Foram para a estação. Para esperar o trem que os levaria para aquella mesma pensão aonde se haviam conhecido...

卐 "A Tailor Made Man", que, ha annos, Charles Ray filmou, silencioso, vae, agora, ser refilmado; falado, com William Haines no principal papel e Harry Beaumont na direcção.

卐 "Heads Up", da Paramount, terá Charles Rogers no primeiro papel e Fred Newmeyer, na direcção.

卐 Karl Dane e George K. Arthur, vão, para a R. K. O., fazer uma série de comedias. Dane, no emtanto, continuará sob contracto com a M G M.

"Beyond Victory", que John S. Robertson está dirigindo para Pathé, inclue, no seu elenco, Rockliffe Fellowes, que ha annos estava afastado da téla.

✣ ✣ ✣

"River's End", que Michael Curtiz está dirigindo para a Warner terá Charles Bickford no principal papel. Claudia Dell será a principal figura feminina e, para isso, o heróe foi emprestado da M. R. M.

"Why Marry?", da Tiffany, terá Glenn Hunter, no principal papel. Era mais uma ameaça do palco que faltava cahir sobre o Cinema... Quem assistiu os films que Glenn fez para a Paramount, ha annos, ha de se lembrar muito bem delle...

✣ ✣ ✣

"Jenny Lind", que Sidney Franklin está fazendo, para a M. G. M., tem Grace Moore no principal papel e Reginald Denny como galã.

Charles F. Reisner, da M. G. M., vae dirigir, para a mesma, "Like Kelly Can", com Dorothy Jordan no principal papel e Robert Montgomery como galã.

✣ ✣ ✣

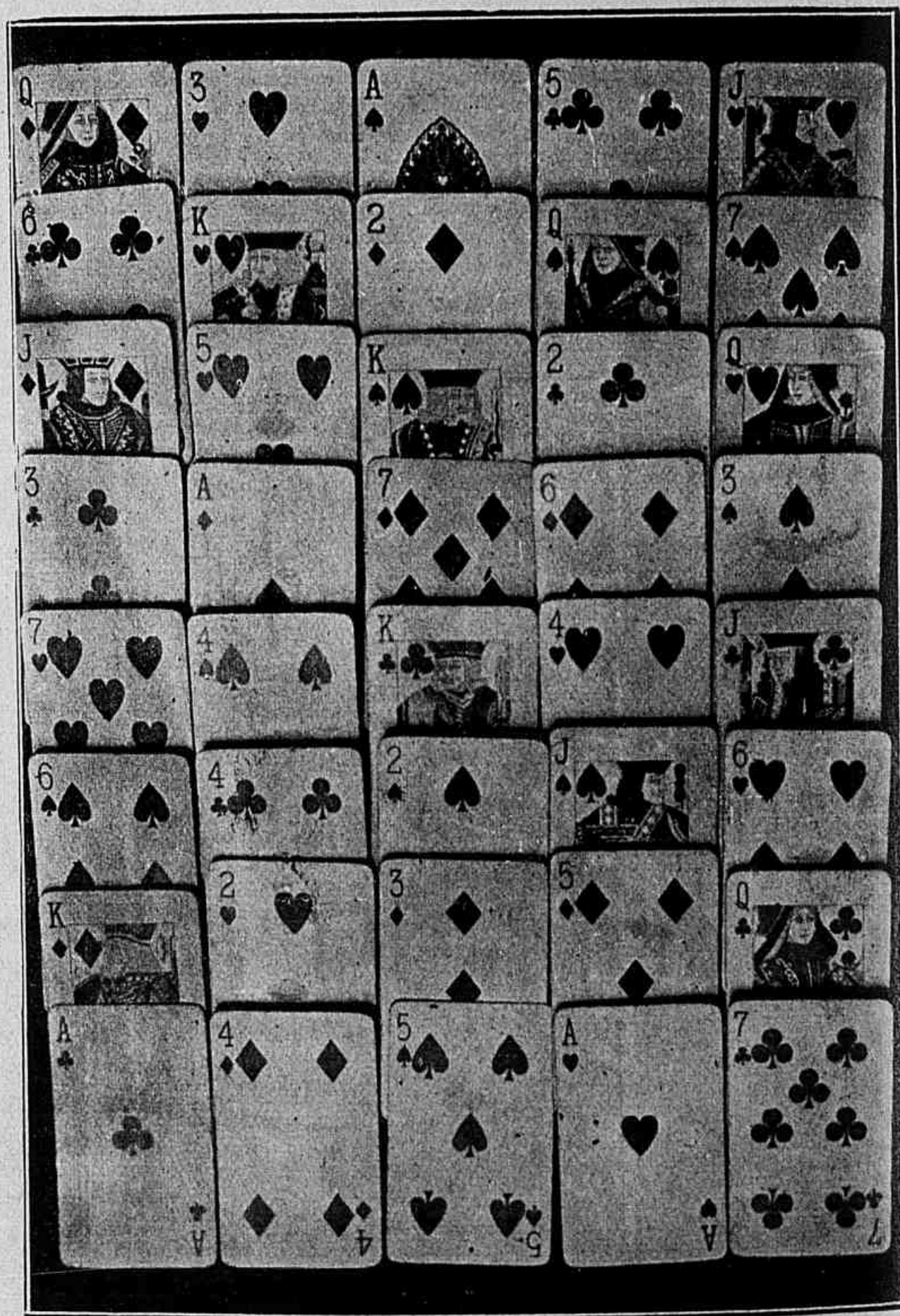
Anders Randolf, que, ultimamente, vimos em muitos bons films. Inclusive "O Beijo", de Greta Garbo, fazendo o papel de seu esposo. E em "A Arca de Noé", da Warner, com Dolores Costello, acaba de fallecer, repentinamente.

✣ ✣ ✣

A nova edição de "Valentões da Arena", da Universal, vae ser dirigida por Albert Kelly.

✣ ✣ ✣

"Renegades", da Fox, que Victor Fleming está dirigindo, com Warner Baxter e Vilma Banky, terá Noah Beery num importante papel.

O baralho magico

Para-todos... a revista elegante que todos conhecem está publicando uma original secção na qual, por meio das cartas, os leitores poderão descobrir seu futuro, prevendo o mal e o bem que lhes succederá. Nada custa a consulta e é tão simples fazel-a... Experimente o leitor e verá.

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21 Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1.037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

Amor audaz

(FIM)

Disse isso num sussurro.

Depois, animados, continuaram conversando.

— E eu, Courtenay, como vês...

— Mas, trabalhas só?...

— Não. Trabalho para Malatroff. Elle me domina. Ella me maltrata. Não quiz vir. Elle me forçou. E eu não queria, meu amor, por ti!

— Mas agóra...

— Continuo não querendo. A não ser que tu e eu...

— Nos unamos?!!!

A resposta foi um longo beijo. Enorme. Saciando todo aquelle amor que já se fazia violenta paixão!

— Lucy! És minha! Vamos, agora, trabalhar juntos. Verás como havemos de enriquecer...

E trataram de liquidar o que mais havia dentro do cofre.

Depois, já tudo realisado, iam para sahir.

Mas Courtenay a deteve.

— Olha. Não deram pela nossa falta. Não queres ficar mais um pouco, beijarme mais uma vez?...

Ficaram. Mais alguns segundos. Mas segundos que foram perdidos. Porque, sem falarem, agradaram-se. Acariciaram-se. Beijaram-se. Deram, afinal, um lenitivo á paixão que os vinha consumindo ha diversos dias.

— Lucy. Nós nos casaremos, assim que nos acharmos longe daqui. Virás commigo?...

— Eu?... Para onde fores, meu querido amigo...

Tornaram a se beijar. Ergueram-se. Dirigiram-se cautelosamente para a porta. Della, levantou-se uma sombra que se encaminhou para ambos.

Fez-se luz. Éra Malatroff.

— Malatroff!!!

Courtenay poz as mãos no bolso, calmo. Lucy, agitada, abraçou-se á elle.

— Como que, os pombinhos pensavam que era só isso, hein?...

Olharam-se. Malatroff avançou passos. Segurava alguma arma no bolso.

— Enganaram-se. Eu já sabia que era esse rato! E tu... Eu te conheço, minha rapozinha...

Houve segundos de silencio.

Depois elle se dirigiu de novo para a porta.

— Aqui ninguem me conhece. Darei o alarme. Vocês serão apanhados. Ficarei sem as joias... Mas vocês...

Não terminou a phrase. Um estampido e o baque do seu corpo, pesadamente, sobre o assoalho. Não permittiram nada mais.

Em segundos, Courtenay e Lucy acharam-se fóra do predio. Quando alcançavam a rua. Viram luzes que se faziam, por todo aquelle lado do predio. E, segundos depois, desabaladamente tocava em direcção á estação para a fuga...

Mr. Corbett sentiu as joias que se foram. Mas não comprehendia aquillo. Um homem estranho, morto. E o Hon. Courtenay Parves e Madame Lucy Stavrin... Não se achavam ali...

Quando a suspeita ia entrar. Enid suggeriu.

— Já sei! Aposto que se foram para casa... Aquillo já estava escandaloso, mesmo...

Corbett sorriu. Chamou a policia, para averiguar aquillo. E incitou os convidados a voltarem para o baile. Emquanto já cogitava de uma maneira de ironisar Courtenay, no dia seguinte, perguntando-lhe por Lucy...

INTERESSAM AO SEU MARIDO AS DEMAIS MULHERES?

Toda a esposa se sente ferida quando vê que o seu marido olha para uma joven de cutis mais bella que a sua. Essa esposa sabe que já não é tão fascinadora como o fôra quando o amor começara a florescer. Não obstante, nada teria ella por que temer se houvesse tomado a precaução de fazer com que á superficie da sua pelle viesse resplandecer a encantadora cutis que ella possue debaixo da envelhecida. E' preciso fazer desapparecer a cuticula exterior gasta, o que se consegue por meio da applicação da Cera Mercolized. Esta substancia é encontrada em qualquer pharmacia e applica-se á noite, antes de deitar-se. Procedendo assim, rapidamente se recupera a cutis juvenil e com ella todo o seu feminino poder de seducção.

"Ladies must Play", que Raymond Cannon está dirigindo para a Colombia, tem Dorothy Sebastian, Neil Hamilton e Natalie Moorehead, nos principaes papeis. John Holland acaba de ser accrescido ao elenco.

✣ ✣ ✣

"Miquinha", um dos maiores successos de Mabel Normand, antes de sua morte, será refilmado. Nancy Welford será a substituta de Mabel.

✣ ✣ ✣

A Universal, provavelmente, mandará construir um grande Studio em New York. Isto, sem duvida, para a producção immediata de successos da Broadway. Cada vez mais augmentam as idéas más...

Entre todas as publicações
Cinematographicas
prefiro e preferirei o
"Cinearte-Album"
que está preparando,
para 1931,
uma edição luxuosissima
com bellos Retratos Coloridos
dos maiores Artistas de
Todo o Mundo

BIOTONICO FONTOURA

BIOTONICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Officinas Graphicas d'O MALHO